MONTEIRO FILHO XXXIV
O Malho
ANNO XXXIII
NUMERO 36
8- 2 - 1934
Preço 1$200

O MALHO

ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 36

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil **1$200** Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

A CANÇÃO DO SERRADOR

Poesia de Adelmar Tavares

■ ■ ■

A BÔA ACÇÃO

Conto de Jean Ray

■ ■ ■

TIO PALITO

Conto de Oscar Lopes

■ ■ ■

COMO SE CALCULA A EDADE DA LUA

Por C. Menella

■ ■ ■

ACREDITEM OU NÃO

Por Storni

■ ■ ■

CINZAS

Chronica de Assis Memoria

■ ■ ■

O FOLIÃO TRISTE E SOLITARIO

Por Eustorgio Wanderley

CAIXA D'O MALHO

AVISO IMPORTANTE

Os originaes enviados a esta secção não serão devolvidos, de forma alguma, sejam ou não acceitos para publicidade.

NIVALDO B. DE ANDRADE (Sergipe) — Vamos cortar a pieguice pela raiz. Será que, no mundo, só haja esse velho thema sentimental e as mesmas eternas variações, em prosa e verso?

ADÃO DE CARVALHO (Barretos) — O director, agradecendo as suas palavras elogiosas, enviou para cá a sua carta e o seu soneto. Você sabe como se chama essa escola literaria que se occupa em cantar os passarinhos do Brasil, o sol dourado do Brasil, o ceu azul do Brasil, a brisa amena, as florinhas perfumadas e os rios murmurosos do Brasil, como se, nas outras terras, tambem não houvesse flores, passaros, brisas, ceu e sol?

Chama-se "porquemeeufanismo" (Martins de Almeida) e só nos tem trazido ridiculo. Ponha isso de lado e procure ver as coisas como ellas são.

OLIMPICO OLIVEIRA ALVES (Recife) — Para evitar maiores desgraças, archivei o seu soneto na cesta. Não caia noutra, porque se a sua musa chega a por-lhe os olhos em cima e se ella é, de facto, olympica, como V. diz, eu não desejaria estar na sua pelle, nessa hora.

BRANCA (Lage, Itá, E. Santo) — "Felicidade" não está bom. "Caridade", muito melhor. Sahiria, se não fosse a grande anarchia de metrica e de rimas. Fica-se até sem saber se se trata ou não de versos livres.

JOÃO B. DE ARAUJO (Rio) — Pontuação viva é uma banalidade em paragraphos curtos. "A vingança de Wong" podia ser um bello conto, se o seu estylo o valorizasse. Infelizmente, aquelle tom de ordem do dia estraga-lhe todo o encanto.

TALLIO DE CASTRO (Rio) — Se fosse possivel alterar as normas desta secção, eu publicaria os seus versos, nem que fosse só para premiar a sua tenacidade. Mas elles estão mesmo sem geito. Concertar? Mas como é que eu poderia concertar um soneto que começa assim:

"Tu criança linda, no crecer da [idade,
E's um anjo de amor, suave e gazil!
Tambem és no primôr da virgindade,
Como um botão de flor primaveril!"

E termina deste modo:

"Eu porem, ti mirando á divertir
Jocosa e com bonita garridice,
Muito ti admiro n'alma lindamento"!

Bem, ahi está metade da sua "Dina", para amostra. Não se arrependeu do seu peccado literario?

ARLINDO GOUVEIA (Recife) — O que V. diz do Carnaval pernambucano, são generalidades — coisas de todos os carnavaes deste Brasil. Demais, a lingua não o ajudou muito. Outrosim, parece-me absurdo que se sonhe com alguma coisa, emquanto se está anesthesiado.

PERY (Brazopolis) — Os versos estão pavorosos. A chronica bate numa velha chapa, sem accrescentar-lhe uma idéa nova.

J. R. FERREIRA (S. Paulo) — Nesse genero, só algo muito subtil, muito fino, muito delicado. Não sei se por exigencia da rima, os versos que enviou, não possuem o lavor artistico preciso para dar relevo ao thema. O ultimo terceto tem *souplesse*, mas o primeiro está pesado demais para o genero.

ALEC DANILO (Fortaleza) — Suas tres cartas chegaram ao mesmo tempo. "Menina do meu Suburbio" sahirá. Eu não gosto dessas historias de namoro, mas no caso, a delicadeza e emoção do estylo compensam a banalidade do assumpto. Quanto á marcha, agradecendo-lhe a boa intenção, tenho a dizer-lhe que o pouco que sei de musica, não me autoriza a fazer um juizo critico, nem sobre marchas carnavalescas. Musica, eu só entendo pelo coração, mas este é muito exigente e um tanto arbitrario: um pessimo julgador, portanto.

JOAO ESTEVES (Ubá) — "O Malho" não é muito do feitio commentador. Por isso, não lhe aproveito o "Charilaus". O mesmo não se dá com o "O Leque", que me parece uma esplendida chronica. Hei de cavar meia hora para dois dedos de prosa epistolar.

BELARMINO P. FILHO (Rio) De accordo com V. a respeito dos versos modernistas. Mas eu sou muito exigente com o poeta que não carrega as correntes da rima e da metrica e que, portanto, tem que produzir coisa original, de sentido moderno. Modernismo só de verso solto, e de ausencia da rima, não é commigo. Não digo que os seus sejam despidos de qualquer valor.

"Batuque" tem vigor descriptivo, mas repete conceitos "chapas" sobre o assumpto.

Tenho o direito de exigir-lhe um esforço maior — esforço de que V. é capaz, eu bem o sei.

Z. P. LINS (Rio) — Em theoria, nós estamos perfeitamente de accordo. Na pratica, não. Em "Defesa" V. cita aquelles versos correntios ageis, crystalinos de Bilac, na cabeça de um soneto em que a gente tem que fazer força para ajustar o rythmo á metrica. Em "Ao Mundo", o mesmo esforço do leitor.

Mas, desta vez, por mais força que faça, não póde reduzir a 10 as 11 syllabas do 1.° verso do 2.° quarteto e do 2.° verso do 1.° terceto. Só o terceiro soneto escapa. Mas será inédito? Se V. quizer responder-me a esta pergunta ou enviar outra remessa mais assimilavel, eu lhe agradeceria, immensamente.

HELIO LUZ (Carmo do Paranahyba) — V. estragou o bello thema, introduzindo no enredo a historia do tio e dando-lhe a versão de "castigo". Explore só o thema final, com as tintas mais delicadas do seu estylo, que valorizará o conto 100 °|°.

JACY GOMES (Rio) — Muito grande, muito exaltado, muito bombastico. Não serve.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

O ultimo dos sobreviventes da famosa batalha de Reichshoffen, Jean Marty, acaba de morrer em Béziers, aos 91 annos de edade. Quando se feriu aquelle combate (1870) o heróe francez tinha 28 annos. Pelejou sob o commando dos melhores generaes de Napoleão III: Mac Mahon e Bazaine.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 2.° PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

ILDEFONSO MOACYR — Av. New-York, 21 — Bomsuccesso.

J. A. FONTOURA — Rua Esteves Junior, 34.

ZOE' NOVAIS — Rua Paula Brito, 37, casa 7, Andarahy.

PEDRO DANTAS — Rua General Bruce, 103 — S. Christovão.

ESTADO DO RIO

NANDA — Rua Coronel Veiga, 733 — Petropolis.

SÃO PAULO

ENIGMATICO — R. Adolpho Gordo, 42 — S. Paulo.

EXCUBITOR — R. Jaraguá, 91 — S. Paulo.

LEAL — Rua A. Lobo, 27 — Itapetininga.

MIGUEL JARUSSI — Rua Anastacio, 20, Lapa — São Paulo.

CAMBRAINHA — R. Marta, 20 — S. Paulo.

ROLANDO — Rua Rafael de Barros, 12-C — S. Paulo.

MINAS GERAES

A. PENNA — Teixeiras.

GREALIGOCE — Carmo do Paranaiba.

P. PICCININI — Paraguassú.

ARTUR M. CARVALHO — Cyanita de Andrelandia.

RIO GRANDE DO SUL

VITORIA LEONETTI — Santa Vitoria do Palmar.

MARIA A. VIOLA — São Pedro.

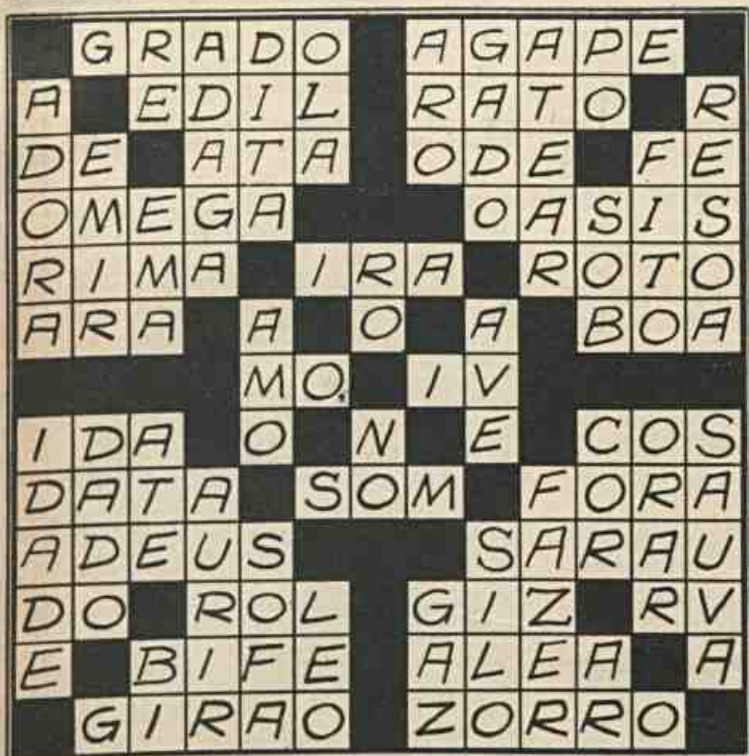
BAHIA

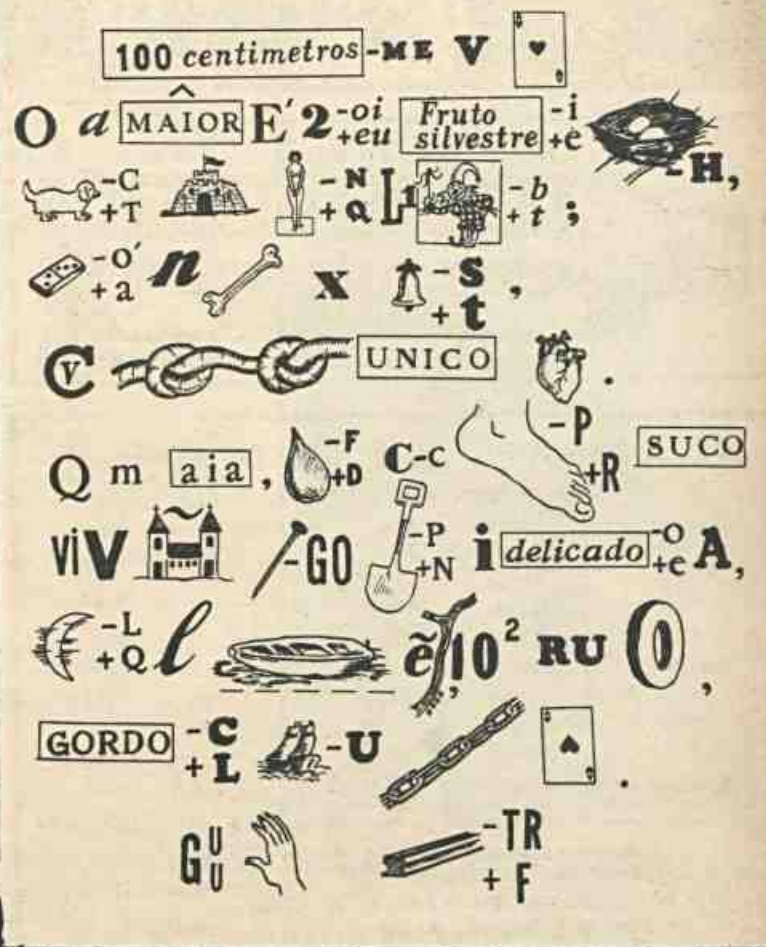
MARQUES DO PORTO — Rua Octacilio, 12 — Acupe — Brotas, S. Salvador.

PARAHYBA

LISBÔA DE CARVALHO — Av Juarez Tavora, 1632 — João Pessôa.

PERNAMBUCO

MIRURGIA — Rua Riachuelo, 931 — Recife.

A solução exacta do 2° problema de palavras cruzadas

CARTA ENIGMATICA

Mais uma interessante carta enigmatica enviada ao O MALHO pelo seu constante collaborador Gusmão Filho, apresentamos hoje aos illustres campeões desta secção, esperando que as soluções nos sejam enviadas até o dia 10 de Março, data do encerramento deste torneio. Na nossa edição de 22 de Março, apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção, e no qual serão distribuidos 30 magnificos premios entre os concurrentes que nos enviarem certas as soluções e acompanhadas do "coupon" respectivo.

CARTA ENIGMATICA

COUPON N. 30

Nome ou pseudonymo .. .. ..

.. ..

.. ..

Residencia .. ..

.. ..

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

OS JARDINS MODERNOS

O amor pelos jardins não é uma paixão de nossos dias. Lembremo-nos dos jardins suspensos de Babylonia, pensemos nas palavras judiciosas de La Bruyère ácerca do florista. E o carinho pelas flores justamente se póde melhor constatar na estação presente, em que todos procuramos as aléas floridas, fugindo ao calor intenso.

Para deleitar os olhos de nossos leitores ahi têm um dos mais lindos jardins de Saint-Cloud.

✣ ✣ ✣

A ENXERTIA DA FRUTA DE CONDE

NA reproducção por enxertia da fruta de conde empregam-se varias anonas, de preferencia o articuma do brejo, A. glabra L. porque e resistente a broca, um gorgulho que cava galerias no tronco de todas as anonas. Usa-se enxertia de borbulha, garfo e encosto, as duas primeiras praticam-se depois da queda das folhas e antes da brotação, a enxertia de encosto pratica-se em qualquer época que a seiva circula.

UM MEIO PRATICO DE PROTECÇÃO A'S UVAS

AGORA que a cultura da vinha começa a desenvolver-se em todo o paiz, é de opportunidade divulgar uma efficiente maneira de protecção, usada pelos viticultores da Europa. Consiste em um saquinho, tal como se vê na gravura, de um tecido aberto, de modo a dar entrada ao ar, sem permittir a offensiva dos insectos destruidores da uva.

✣ ✣ ✣

O MAIOR CERTAMEN DE FLORICULTURA

AS flores, que, no dizer de um poeta, são "as lagrimas e os sorrisos da natureza", vão ter uma grande consagração na encantadora terra dos pinheiraes. Duas instituições populares em Curitiba estão organizando para breve uma exposição das mais lindas flores do Paraná. Ao stand mais bem decorado caberá um premio de 500$000; á corbelha classificada em primeiro será concedido um premio de 300$000; á rainha das flores de Curityba será offertada uma dadiva de 300$000 e o melhor conjuncto de uma só especie de flor receberá 300$000 como recompensa.

Ao "Gremio das Violetas" e ao "Bouquet de Violetas", os propulsores do notavel e patriotico emprehendimento, caberá a honra de ter concorrido para o engrandecimento floral do progressista Estado sulino.

✣ ✣ ✣

PROPRIEDADES MEDICINAES DA MANGA

A manga bem madura é um sudorifico util contra a sarna, a syphilis, o escorbuto e a coqueluche.

Usada em jejum, cicatriza as feridas dos pulmões e o cozimento forte do caroço, usado alternadamente, destróe os vermes intestinaes.

A gomma da arvore, dissolvida em agua e bebida tres ou quatro vezes por dia, cura a dysenteria.

O cozimento das folhas cura as feridas e as manchas formadas.

Programma

A "musica das Americas" é o assumpto de um boletim distribuido pela "União Pan-Americana", de Washington.

Nelle se commenta o esforço consideravel empregado, no ultimo decennio, em todas as Republicas do Novo Mundo, para a colleccionação e publicação da musica popular já esquecida e que gosara popularidade no passado.

Argumenta o boletim que os maiores successos na organisação de programmas de radio têm sido obtidos com o concurso dessas velhas melodias, que "ainda possuem o poder de encantar as novas gerações".

Isto, está claro, refere-se aos Estados Unidos, onde os compositores como John Philips de Souza, maestro de banda por signal que de origem portugueza, e Stephen Collins Foster, o primeiro auctor das mais lindas marchas de estylo marcial, e o segundo de canções sentimentaes encantadoras, contam com a veneração carinhosa do povo.

Um apreciador de Foster, o sr. Josiah Lilly, de Indianopolis, chegou a construir um pequeno museu a que deu o nome de "Foster Hall" e onde se encontram livros, manuscriptos, correspondencia e objectos do uso pessoal do compositor, ali guardados como reliquias.

No Brasil, essas cousas ainda estão para acontecer...

Não só iniciativas como a de Josiah Lilly, como tambem o successo dos programmas de radio com numeros evocativos do nosso passado musical.

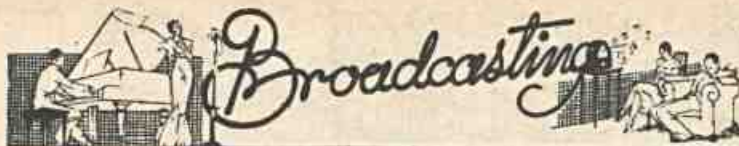
A sensibilidade brasileira está longe de penetrar o sentido dessas delicadezas espirituaes, não se interessando a não ser pelas novidades importadas do estrangeiro e pelas creações inferiores do nosso "bas-fond", relatando os vicios dos malandros e as traições das mulatas.

A "União Pan-Americana", segundo o referido boletim, já proporcionou ao povo dos Estados Unidos 68 concertos de musica popular latino-americana, transmittidos por varias cadeias radiotelephonicas de ondas curtas e retransmittidos por centenas de estações locaes de ondas longas.

Entre nós, estamos á espera, ainda, do primeiro programma de musica popular brasileira, organisado pela menos efficiente das nossas estações de "broadcasting"...

O. S.

"KNOCK-OUT"

— O jogo está electrisante! Os luctadores parecem dois leões! O publico delira! Oh! Ha seculos que não se assiste a uma lucta como esta!...

O ALMIRANTE DO SAMBA

Almirante, caricatura de Nássara

O morro é um mastro. Um mastro de navio tripulado por malandros. Almirante é o seu capitão. Um capitão que é Almirante e que commanda cantando. Cantando marchas e sambas. "Na Pavuna" foi o seu successo revelador. Depois disto elle fez outras "manobras" com exito. Em 1933, "Moreninha da praia" e "Trem blindado". Este anno "Trem azul", "Garota da rua", "O orvalho vem cahindo", "Menina Oxygenée", "Você, por exemplo", "Historia do Brasil", etc.

Almirante é, além disto, um optimo contador de anecdotas — como quasi todos os "lobos do mar". No palco, o seu successo tambem é indiscutivel. E assim sendo, nada mais justo do que considerar Almirante o Ministro da Marinha da nossa musica popular.

O QUE VAE PELOS STUDIOS

— Deante do successo alcançado pela marcha "Não sou Yôyô", de Saint-Clair Senna, a "Victor", apesar de encerradas as suas gravações carnavalescas, ainda editou em disco essa producção, 1.º premio do concurso d'O MALHO. A edição de "Não sou Yôyô" em papel foi feita pela conhecida" Casa Vieira Machado", á rua do Ouvidor, 179.

— —

— O Carnaval acha-se em pleno apogeu musical. Não se ouve outra cousa a não ser sambas e marchas em todas as estações cariocas. Para muitos, nesta época, o radio é uma delicia. São os carnavalescos de corpo e alma, para os quaes uma cuica tem mais melodia do que um violino... Ha, tambem, quem esteja ansioso pela passagem desta quadra de "Lourinhas" e suas variações...

— —

A victoria do Carnaval de 1934 não pertence a uma determinada composição. São varias as que "empatam", collocando-se num primeiro plano honroso para todas: "Linda Lourinha", de João de Barro; "Typo 7", de Nassara e Alberto Ribeiro; "Ridi, Palhaço", de Lamartine Babo; "Agora é cinza", de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal; "Ha uma forte corrente contra você", de Francisco Alves e Orestes Barbosa; e "A hora é bôa", do "Bando da Lua", podem ser classificadas entre as peças de maior exito da presente temporada de Momo. Ha varias outras nas mesmas condições de agrado integral.

— —

A marcha "Ridi, Palhaço", de Lamartine Babo, teve, á ultima hora, a sua popularidade compromettida por uma parodia pouco decente em que o producto "Untisal" serve de motivo. Nos bailes, as orchestras já não a tocam pelo receio dos cantores inconvenientes...

FICHAS DE IDENTIDADE

Alda Verona chama-se Celeste Brandão.

— —

Almirante chama-se Henrique Foréis.

— —

João de Barro chama-se Carlos Braga.

— —

Donga chama-se Ernesto Santos.

— —

Chico Viola chama-se Francisco Alves.

Madelou chama-se Maria de Lourdes de Assis.

— —

Pery Pirajá chama-se Arnold Gluckmann.

— —

Os "Irmãos Tapajoz" chamam-se Paulo e Haroldo.

— —

Marco Aurelio chama-se Julio de Oliveira.

— —

Pinochio chama-se Luiz Antunes Filho.

— —

Christovão de Alencar chama-se Armando Reis.

Bolas de Crystal

— Então, Nassara e Alberto Ribeiro levantaram o 1.º premio no concurso da Prefeitura?

— E' verdade, responde João de Barro com uma certa amargura. Mas se não fosse eu, que, com "Linda Lourinha", iniciei o assumpto, talvez elles não tivessem escripto "Typo 7".

E "Linda Lourinha" veiu em 2.º logar...

— E' isto, meu caro. "Uma andorinha não faz verão". Duas andorinhas, como Alberto Ribeiro e Antonio Nassara, já fazem um certo calor, pelo menos...

— —

"Ridi, Palhaço", a marcha de Lamartine Babo, foi desclassificada no concurso da Prefeitura por "transcrever" um trecho da opera de Leoncavallo, segundo parecer da Commissão julgadora. Ao saber disso, o auctor Lamartine Babo, exclamou, desolado:

— Ahi está, o que é a gente se metter com "leões" e "cavallos"...

— —

"O nosso amor
foi uma chamma!
O sopro do passado
desfaz..."

Cantarolando esse trecho do samba de Alcebiades Barcellos e Armando Marçal, que a Prefeitura premiou em 1.º logar, Almirante perguntou a Naylor de Sá Rego, auctor de "Yáyá Formosa", classificado em 2.º logar: — Diga-me uma cousa: "Desfaz" é presente ou é passado? E sahiu gosando a perfidia que Naylor approvou com um sorriso de rival satisfeito...

— —

"A Vida... Que importa a Vida!
Cante a Vida quem quizer
que eu tenho a minha envolvida
na vida de uma mulher!"

Essa quadra popular, que ha tantos annos todo o Brasil conhece e repete acaba de ser "assignada" pelo cantor Sylvio Caldas, auctor (?) da letra do samba "Na aldeia", creado por elle em disco e no radio. Como se vê, apesar de velha, a trova acima citada tornou-se "filha adoptiva" de um sambista...

COMPOSITOR Á VISTA!

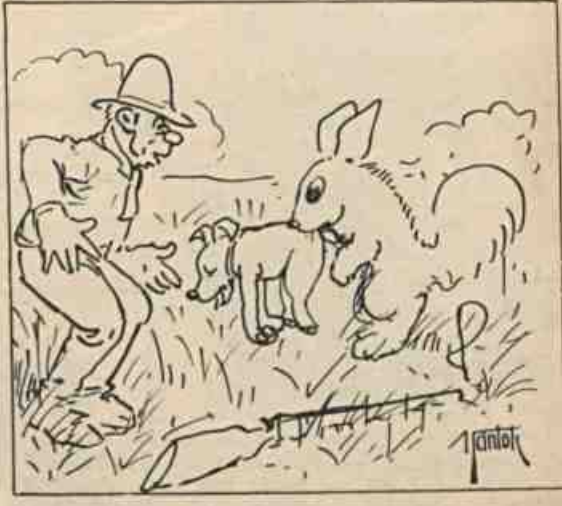
Este joven que se vê no clichê chama-se Humberto Teixeira e é um compositor de merito. Foi um dos que tiveram producções classificadas no concurso d'O MALHO, conseguindo um dos premios do certame. "Meu pedacinho", o samba com que elle concorreu, não alcançou melhor collocação por motivo alheio á inspiração do seu auctor. Mas Humberto Teixeira tem cara de sujeito que sabe ser tenaz, e decidido. A nós não causará surpresa a sua victoria de um modo definitivo, dentro em breve.

UM CONCURSO SENSACIONAL!

O TICO-TICO VAE OFFERECER AOS SEUS LEITORES, RESIDENTES NESTA CAPITAL, UM BURRICO DE VERDADE, COMPLETAMENTE ARREIADO

ESTE LINDO BURRICO, ASSIM ARREIADO, TAL COMO ESTÁ, JÁ PROMPTINHO PARA SER CAVALGADO, É DESTINADO AOS LEITORES D'O TICO-TICO QUE CONCORREREM A ESSE ORIGINAL E INTERESSANTISSIMO CONCURSO.

UMA LEBRE CAMARADA

O MALHO

O demonio de olhos verdes

ASSIM chamou Shackspeare ao ciume, que é uma especie de medo, de temor, como já frisava Descartes, que se prende ao desejo de conservar algum bem. Filho do egoismo humano, oriundo dos instintos, entrou na alma dos apaixonados, especialmente tocados na esfera psico-sexual. Não é prova de amor, senão de timidez e ao mesmo tempo de amor-próprio. A causa que suscita o ciume está na opinião falsa ou verdadeira da perda ou da privação do bem adquirido. Nasce logo o sentimento de odio contra o autor real ou imaginario da conquista de bem alheio. De todas as doenças originadas das paixões o ciume é a mais perigosa e a mais dificil de cura, pela colaboração da imaginação mancomunada com o amor-próprio ferido.

O ciume é ao mesmo tempo — dor, obcessão, inferioridade, paixão, odio e desespero. A personalidade psico-patologica do ciumento é ás vezes tão definida que o paciente é um ciume que vive, que se reflete em todos os actos da existencia.

Ha ciumes elementares como os ha profundos, violentos, criminosos. Ha ligeira hiperestesia ciumenta como ha obcessão deste sentimento, que vai até á angustia, ao desespero, ao suicidio e ao assassinio. O jogo diabolico que sente o cioso molesto em ferir fisica ou moralmente, ver sofrer a vitima causante de seus zelos, é caracteristico do egoismo feroz dos apaixonados. Ha casos mesmo de delirios e psicoses cujos pontos capitais estão no ciume.

A desconfiança e o amor-proprio são as bases psicologicas dos ciumentos morbidos, e a cristalização da idéa de ciume póde levar o individuo a inenarraveis torturas morais.

Os metodos de pesquisa de farejamento dos ciumentos para surpresas das faltas ou infidelidade, são multiplos e comicos: armadilhas, vigilancias, pesquirições policiais ridiculas, afim de testemunharem os menores indicios de infidelidades.

Onde penetra o ciume foge a tranquilidade e a confiança desaparece.

Diz Anatole France que o ciume na mulher é a ferida do amor-proprio, no homem a tortura profunda, sofrimento moral continuo, semelhante ao sofrimento fisico...

Pobres ciumentos! Almas sofredoras e egoistas! O ciume! Que triste aio do amor...

A. Austregesilo

PORQUE EXISTEM CASAMENTOS INFELIZES?

BONECOS DE FRAGUSTO

O JUIZ Bartlett conta 61 annos de edade. Possue bens e leva uma vida commoda e methodica. Sempre lhe mereceram attenção especial os problemas social — psychologicos. Tem varios filhos e assegura que é feliz em companhia delles e da mulher. Recentemente, retirou-se á vida privada.

A' medida que se generalisa a crença de que a vida matrimonial é um fracasso, este thema, como é natural, converte-se em artigo de polemica diaria. Por que tantas pessoas se divorciam? Ninguem mais autorisado que Bartlett para dar a resposta. Elle, pois, tem a palavra:

"A maioria dos matrimonios é um fracasso. Nem todos os casamentos infelizes acabam perante o juiz. Ha muitos motivos para que os laços indissoluveis não se desfaçam. As convicções religiosas impedem que innumeros casaes recorram áquella medida. O temor pelo escandalo e o murmurio publico exercem tambem influencia poderosa. A sociedade não está ainda preparada para o "verdadeiro" casamento, e tardará muito a chegar o dia em que o "falso" matrimonio será desconhecido. Acho cruel unir duas pessoas para toda a vida, obrigando-as a ser mutuamente fieis, visto que o homem e a mulher são por natureza "voluveis". Neste estado de coisas permaneceremos por determinado tempo, e emquanto isso os divorcios irão augmentando. Em 1000 casaes não ha 100 que sejam felizes. A causa principal das desavenças conjugaes reside na incompatibilidade de genios e na falta de affinidade sexual. Concedi o divorcio a uma senhora porque seu marido persistia em fumar cachimbos de barro que desprendiam um cheiro insupportavel. A outra, porque o "homem" gostava de "jazz-band", quando ella preferia a musica classica. A esta, porque o esposo teimava em tocar saxophone até altas horas. Aquella, porque "elle" usava gravatas de pessimo gosto. Enfim, áquella outra, porque o marido, sabendo que a "cara metade" estava assustada, lhe deu uma terrivel noticia...

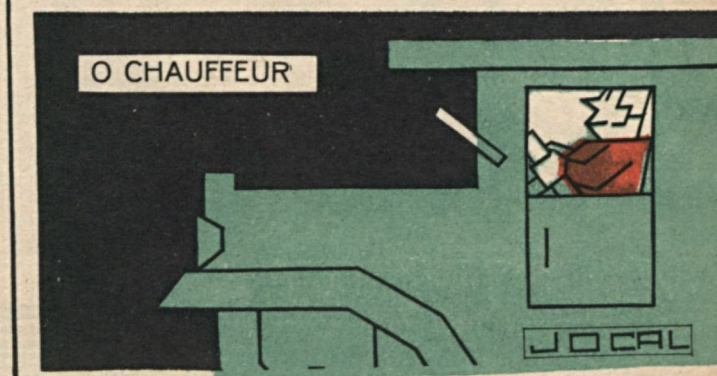
A questão economica desempenha importante papel no numero, cada vez maior, de divorcios.

Nenhum homem deverá casar-se antes dos trinta annos. Nenhuma mulher antes dos vinte e cinco. Sou adverso aos "casamentos experimentaes", remedio que preconisam varios sociologos para combater as difficuldades creadas por degenerescencias physicas. Minha opinião, a tal respeito, é similar á que prevalece no Estado de Nevada, que é actualmente o paraiso dos divorciados.

Sou egualmente favoravel á limitação da natalidade, porque poderá contribuir grandemente para a felicidade conjugal.

Nada ha mais importante, na vida dos seres humanos, do que o amor entre os dois sexos. Infelizmente, o grande sentimento constitue-se um mysterio insondavel como o nascimento e a morte. Temos que o acceitar "quando" e "como" vem.

Terminando: o divorcio é assim uma "operação cirurgico-espiritual". O unico remedio que existe, a meu ver, para dois corações amargurados que vivem num lar destruido".

O RIO DE JANEIRO EM MOVIMENTO

Variações sobre a mulher japoneza

por HENRIQUE PAULO BAHIANA

(Especial para O MALHO)

Uma japonezinha, numa praia de banho, usando um "maillot" que nada fica a dever, em elegancia, aos de Hollywood.

FESTEJADO escriptor patricio escreveu: "Amor não é palavra para uma moça do Japão. A unica que existe para ella é obediencia — obediencia aos paes, obediencia ao marido, obediencia aos irmãos do marido, obediencia ás mulheres legitimas dos cunhados mais velhos, obediencia á sogra..."

Isto com effeito assim era antigamente, quando os paes casavam os filhos. O rapaz e a **musumé** uniam-se sem que o coração tivesse pulsado de amor, sem que tivessem escripto a minima carta de namoro, sem que tivesse havido troca de palavras doces.

Frequentemente os dois "interessados" nem se conheciam. Chegado o dia do enlace, os paes do rapaz apresentavam-lhe a noiva e lhe diziam categoricamente: "aqui tens a mulher com que te deves casar."

Pouco importava ao rapaz casar-se com a Senhorita Intelligencia, com a Senhorita Eternamente Constante, com a Senhorita Obediencia ou com a Senhorita Tranquilla. Deixava o destino cumprir-se.

Não obstante porém as apparencias indicarem fosse o casamento japonez um simples arranjo destituido de sentimentos amorosos, os casaes infelizes constituiam rarissimas excepções e mesmo aquelles que não viviam em plena harmonia podiam ser contados a dedo.

Não faltavam philosophos, moralistas e escriptores que pintassem com côres sombrias o quadro do casamento e ridicularizassem o amor.

Kenko, por exemplo, um dos maiores moralistas do Japão, escreveu no Tsune-Dzure-Ojusa:

"Nada perturba tanto o coração dos homens, como o amor. O homem que ama torna-se ridiculo. Não dorme mais, não pensa mais em si, supporta com paciencia as coisas as mais insupportaveis — moços e velhos, ignorantes e sabios, todos cahem n'essa tolice. Por meio de cordas feitas com cabellos de mulher, os proprios elephantes podem ser facilmente atados. Precisamos temer essa fascinação. Preservemo-nos d'ella e lutemos contra nós mesmos. A mulher tem caracter tortuoso, coração egoista e excessivamente avarento, não comprehende a razão de ser das coisas e entrega-se á illusão. E' só quando o homem se torna escravo da paixão de uma mulher que esta lhe póde parecer um ente delicado e agradavel."

Ha tambem um velho proverbio japonez que diz: «o homem é mais brilhante que o céo e a mulher mais obscura que a terra" e Confucio escreveu: "o casamento transtorna a cabeça do homem mais sério".

Parece-me porém que embora existam de facto no Japão esses conceitos nem por isso deve diminuir a nossa sympathia pelos japonezes.

Pois não existem no nosso "civilizado" Occidente opiniões ainda mais incisivas e mordazes sobre o amor, a mulher e o casamento?

Não escreveu reputado psychiatra que "o casamento é uma das fórmas mansas da loucura?"

Não refere o Ecclesiastico que "uma vez entrada em colera, não ha animal mais feroz nem mais bravio do que a mulher"?

Não disse São Cypriano que "a mulher é um demonio que nos faz entrar no inferno pela porta do paraiso"?

E — notae bem — São Ephrem não qualificou a mulher de "consolação do diabo, calamidade quotidiana, sceptro do inferno, perdição da mocidade"?

Por outro lado o proprio Kenko, tão atacado e malsinado, escreveu mais tarde, compenetrado da verdade: "um homem que não ama, de nada vale e póde ser comparado a uma taça de saké, que embora de pedras preciosas, não tem valor, praticamente, se lhe falta o fundo".

E' verdade que no velho Japão não existia o amor, como o comprehendemos. Mas quando o Japão assimilou a nossa civilização, houve em consequencia modificações nos costumes, uma nova comprehensão das relações entre os sexos, o desequilibrio emfim da vida social tradicional. E a insidiosa infiltração dos caracteristicos individualistas da civilização do Occidente produziu — como não podia deixar de ser — um parcial enfraquecimento da Etiqueta que vinha atravéz dos seculos regulando todos os actos da vida. Todos esses effeitos se fizeram sentir principalmente na mulher, cujo espirito e cujas condições vão gradativamente se transformando, com o auxilio ainda, nada desprezivel, dos novos processos de educação, da nova literatura, do cinema, do theatro e da imprensa.

A mulher japoneza quebrou as algemas que a prendiam e descuidou-se de seguir os severos preceitos dos moralistas.

As esposas já não caminham docilmente atraz dos maridos e as moças já não cedem o logar aos homens. As viuvas que escurecem os dentes são apontadas pelos garotos com palavras de escarneo e vivem n'uma atmosphera de completo ridiculo.

Agora que a japoneza é corista de "music-hall", artista de cinema, dactylographa, "garçonnette" nos cafés elegantes, telephonista, aviadora, agora que concorre em prélios de belleza, se exhibe em maillot, guia automoveis, pratica todos os sports, agora que segue os cursos da Sorbonne, exerce profissões liberaes ou industriaes, organiza "meetings" politicos, como admittir, como querem alguns, que ella ainda seja escrava e conserve uma completa passividade?

Percorri as zonas as mais variadas do Japão mas em todas notei a liberdade de que gosa a mulher e que se explica em parte pelo facto de não existir no Japão o ciume — delicioso paiz! — e pelo dos esposos depositarem um no outro uma absoluta confiança.

(*Conclue na pag. 28*)

Uma japoneza sahindo d'agua.

A UNIVERSAL

FOI um acontecimento do mais alto destaque social e brilho artistico a inauguração, sabado 27 de Janeiro, do monumental Cine-Teatro Rex com um filme primoroso "Nós e o Destino", da Universal. E porque essa marca vae exibir ali sua produção de categoria elevada procurámos ouvir o muito simpatico Sr. Léo Reisler, que dirige a publicidade da Universal no Brasil.

— Temos timbrado em dar ao publico dos Estados Unidos e de todo o mundo aquilo que ele deseja, filmes de emoção ou de aventura, fabricado com o melhor material humano e artistico e vimos fazendo um esforço, já coroado de exito, de elevar cada vês mais a produção sem que aqueles carateristicos se percam. E' assim que chegamos ao plano deste ano que é devéras memoravel para a historia da cinematografia. São absolutamente dignos do luxuoso palacio que é o Rex, as produções que ali vamos lançar é de que serve de padrão "Nós e o destino" que tem ensopado de lagrimas todos os lenços do Rio...

— Vou citar algumas dessas maravilhas sem obedecer a ordem alguma preestabelecida. São elas: "By Candlelight", fina comedia genero vienense com

"S. O. S. Iceberg"

• • •

FILMAGEM DE UMA CENA DE RUA NO STUDIO DA UNIVERSAL COM O EMPREGO DA MAQUINA-GUINDASTE.

"Gun "Justice" uma das seis produções de Ken Maynard

"A tortura da Fé", poema liturgico de alta emoção.

"Beloved", com John Boles e Gloria Stuart

NO REX

Paul Lukas e Elissa Landi; "Myrte and Marge", mistura de drama e comedia musicada espectacular; "Counsellor at Law", com um elenco notavel John Barrymore, Bebé Daniels, Doris Kenyon, Thelma Todd e mais vinte astros; "Beloved", romance dramatico-musical, com John Boles e Gloria Stuart e ainda cantores de renome norte-americano; "O homem invisivel", extraido de uma novela de Wells diferente de tudo o que foi feito até hoje; "The man who reclaime his head", argumento fantastico e impressionante; "Imitations of Life", novela de Francie Hurst, autora de "A esquina do peccado"; "S. O. S. Iceberg", tres annos de trabalho na Groenlandia e na Alemanha, com Rod La Roque, Leni Riefenstahl e um az da aviação tedesca o major Ernst Udet; "A tortura da fé", poema religioso que será exibido pela Semana Santa com Gustavo Frœlich e Charlotte Suza; "Madame Spy", com Fay Wray e Nils Asther e entre mais dez ou quinze egualmente notaveis cinco producções da romantica dupla Slim Summerville e Zazu Pitts e seis do intrepido cavaleiro Ken Maynard e do seu maravilhoso companheiro Tarzan.

— Creio, meu caro, concluiu Leo Reisler, a Universal este anno, no Rex, tomará de assalto um primeiro posto na admiração dos cariocas, vae ficar sendo numero um tambem...

"Myrte and Marge", comedia musicada

"By Candlelight", com Paul Lukas e Elissa Landi.

"Dangerous To Women", com Chester Morris, Helen Twelvetrees e Alice White.

John Barrymore e Doris Kenyon em "Counsellor at law".

A Gruta do Milagre

Especial para O MALHO

A S S I S   M E M O R I A

"Senhora, quem sois vós?"...

Lourdes, faldas dos Pyreneos, margens calmas do Gave, anno mil oitocentos e cincoenta e oito, onze de Fevereiro.

Formoso recanto, estancia acentuadamente bucolica! Entre a alvura dos rebanhos e o ouro das searas erra a paz dos campos virgilianos — *arva dulcia!* —, ou, mais christãmente falando, sente-se o incenso, o suave encanto mystico das naves de uma enorme cathedral, em pleno coração da natureza virgem, a céo aberto. Uma tranquillidade seraphica envolve tudo: viventes e inanimados. No centro mesmo do logar privilegiado está a gruta de *Massabièle*, uma como linda flor de pedra desabrochada em meio á belleza da paizagem alpestre.

Um trecho paradisiaco, um valle de encantos, aquelle scenario escolhido para o desenrolar de acontecimentos extraordinarios, de episodios sobrenaturaes, que enriqueceram os annaes da Fé e a historia da França de uma das suas mais fortes manifestações e mais justas ufanias sagradas.

Naquella tarde de Fevereiro, Bernadette Soubirous — rezam as chronicas — pastoreava, junto ao rio, o rebanho de seu pae e se entretinha a apanhar garavetos para a cozinha pobre da sua modestissima familia.

De repente, um clarão extranho irrompeu do verde matagal derredor. Attentando um pouco, a menina notou que o centro daquella irradiação deslumbradora fixava-se sobre a gruta, a flor de pedra desabrochada na floresta selvagem. Sem receiar cousa alguma, a jovem pastora, attrahida pela curiosidade, adeanta-se para a gruta e vê — nitidamente vê — uma senhora de formosura sem par, envolta num vestido branco resplandescente e cingida de uma larga faixa azul. Sobre o local onde permanecia, de pé, sorridente e acolhedora, aquella visão extra-terrestre dava a impressão uma luminosa esculptura viva de santa sobre um altar. Dos pés calçados de sandalias brancas de alvura incomparavel um filete d'agua purissima formava-se entre rosas, em botão. — E começou o dialogo da visão extranha com a camponeza humilde.

Durante dezoito dias, áquellas mesmas horas, a conversação repetiu-se, elevada e serena. Bernadette, logo ao fim do primeiro encontro, perguntou, com justa ansiedade: "Senhora, quem sois vós?!" E a resposta foi esta revelação extraordinaria: *"Je suis l'Immaculée Conception"*.

Sim! Só a Soberana dos Céos, com toda a sua belleza e, sobretudo, com toda a sua bondade, poderia, na qualidade altissima de co-redemptora, interessar-se, assim tão solicitamente, pela humanidade sofredora, servindo-se para isso da simplicidade e da candura de uma jovem de quatorze annos.

Nestes dialogos, a Virgem aconselhava a caridade fraterna, a paz entre todos, o amor aos pobres, a compaixão pelos que penam.

Pediu que edificassem ali um templo e na fonte, que se formava sob os seus pés, viessem todos beber e lavar-se.

E começaram as romarias e os factos miraculosos. Setenta e seis annos se passam e Lourdes, a gruta do milagre, continua a ser o sobrenatural desafiando, na terra, os sabios, sim, a sciencia dos nossos medicos, a competencia dos nossos technicos a que expliquem aquelles casos extranhos de curas extraordinarias, obtidos por meio de uma agua commum, provadamente despida de quaesquer qualidades therapeuticas.

E o milagre se perpetua. E o mysterio se eterniza. Nenhuma solução humana á doce incognita!

A'quella fonte mysteriosa tem ido milhões beber e abluir-se. E mais o liquido se torna abundante e mais a dor humana — essa que tem ante si immensos horizontes — se allivia, ao contacto com aquelle liquido.

"Mysterio!" — segredam os sabios, os que não têm a ventura da crença, a benção da Fé. "Milagre!" — brada toda uma população, que se acotovela, dia e noite, ás bordas das piscinas maravilhosas, ou á sombra do templo da Senhora de Lourdes.

Passam, justamente, nestes trez dias, setenta e seis annos sobre estes acontecimentos, digo melhor, sobre estes prodigios, que a sciencia não explica. Pouco importa! A humanidade soffredora continua a ir, em romaria, á Gruta do Milagre, a beber a agua santa e a se purificar das molestias physicas e da mais dolorosa de todas as molestias: a descrença, a tortura incomparavel da duvida.

Quatro sonetos de Martins Fontes

ineditos

O GRANDE WILL

Terminei a leitura do Theatro
De Shakespeare. Ha cerca de dez mezes,
Nesse universo formidavel e atro,
Rujo de espanto, soluçando ás vezes.

Beijo, venero, adoro, amo, idolatro
O Fantasista em suas limpidezes,
E o Medico das Almas, o Archiatro,
Esvurmador das ambições soezes.

Idealizai o coração do oceano,
Em convulsões de dor, rouquenho e rudo,
Na tempedade do martyrio insano!

E mais me assombra, quanto mais o estudo,
E' elle ter sido, em tudo, o Sobrehumano,
E, ao mesmo tempo, o mais Humano, em tudo!

PREDESTINAÇÃO

Versos de amor... Por que? Por que motivo,
Contra o dominio da razão, mau grado
Ser anarchista e atheu, allucinado,
Busco em tanta innocencia um lenitivo?

No desespero tragico em que vivo,
Assemelho-me em tudo ao condemnado,
Ao galé que soffresse, acorrentado,
A saudade de um passaro captivo.

Sendo um pobre operario verdadeiro,
De sól a sol, mourejo o dia inteiro,
E, á noite, em vez da paz, de, pouco a pouco,

Repousar, esquecer tanta amargura,
Sinto, em lucida insomnia, a desventura
De um velho bruxo ou de um infante louco.

BRASILEIRISMO

Orgulho? Adoração? Gloria ou loucura?
Será crivel, tão clara affinidade
Entre a estridencia de uma creatura
E o furor tropical de uma cidade?

Póde alguem ser a calida pintura
Da Belleza, do Amor, da Alacridade?
Da Terra em Flor que, a rir, se transfigura
E irradia, encarnando a Mocidade?

Pode um Ser, por milagre, ou por magia,
Condensar tanta luz, tanta energia,
Que, por si só, resuma um povo inteiro?

Na incandescencia da paixão, supponho
Que a Guánabara eu sou! que, no meu sonho,
Em mim fulgura o Rio de Janeiro!

A UNS OLHOS ANDALUZES

Incendiaria! A volupia, em lampejos estranhos,
Prenunciando o estridor da procella propicia,
Relumbra na attracção dos teus olhos castanhos,
Promettendo talvez, mál velando a malicia.

Feitos de ouro e alcaçuz, tão bellos e tamanhos,
Delles, mais do que a chamma, entontece a caricia:
Se o desejo os accende, em fulminios assanhos,
Quebra-os a languidez, amornando a mollicia.

As asas palpebraes, nas graduações do agrado,
Fazem estremecer, constringindo as membranas,
Da epiderme inflammante o instinctivo teclado.

Pelo translucidar das pupillas gitanas,
A maciez da myopia attenua o peccado,
Filtrando a seducção, atravez das pestanas...

O ENCONTRO

SCENA DO CARNAVAL

DOMINGO passado almoçava-se alegremente em casa do casal Laurens.

Era o almoço de "domingo", o classico almoço, religião do casal que não dispensava reunir, neste dia da semana, alguns amigos, a esta intimidade agradavel de uma palestra elevada, onde as phrases de espirito adejavam sempre numa ironia mordente.

Discutiam-se, animadamente, as festas do carnaval; os planos dos bailes foram estabelecidos.

Flavio, o dono da casa, austero, dizia que o carnaval devia ser banido da alta sociedade, era a festa do instincto, exclusivamente para o povo, e que as pessoas que vivessem pelo sentimento e pelo pensamento não poderiam acceital-o.

Sylvia, — mulher de Flavio — revoltando-se com esta opinião replicou com viva energia:

— Engana-se, meu amigo, nada é mais puro que o instincto. E' admiravel pela sua sinceridade. O acto que a nós, **civilizadissimos,** pareça brutal, se é feito pelo povo, com ardor, convicção, sinceridade, "quasi mystico na sua brutalidade", nós devemos respeitar e admirar com enthusiasmo!

— Que defensora do povo estamos perdendo! — disse o Dr. Leivas. Por que não se apresenta candidata a deputada?

— Porque ainda não me foi opportuno. Garanto-lhe, porém, que o dia em que conseguirmos, nós mulheres, esse posto de direcção mudaremos por completo a face das coisas.

— Fica tudo mascarado! — disse o magistrado Lopes.

— Certamente, — replicou Flavio, as mulheres hão de fazer tudo á sua imagem e semelhança...

— E é por isso, — respondeu Sylvia, que existe tanto homem cretino...

Mme Leivas, percebendo já o vago azedume nas replicas, desviou o assumpto com esta pergunta:

— Não vão hoje ao grande baile dos Faria? — dizem que vae ser estupendo. Dois **jazz bands** notaveis!

— Não vamos, — disse Flavio, com vehemencia. Sylvia anda fraquinha, é preciso poupar as suas forças.

— E' curioso, disse Sylvia, como o criterio das pessoas varía segundo os factos. Quando se trata do **goso,** de irmos a uma festa, e nos divertirmos, de buscar mais o prazer, fonte vital, para as nossas energias **enfraquecidas,** Flavio acha logo imprudencia; no emtanto se uma pessoa das suas relações da mais absoluta cerimonia morresse, hoje, elle me obrigaria, certamente, a passar a noite montando guarda ao defunto, ou ainda se tivesse uma das suas habituaes enxaquecas, não se lembraria da **minha fraqueza** e me obrigaria a levantar-me para fazer chá, algumas vezes durante a noite...

Flavio não gostou das expressões asperas de Sylvia e respondeu com energia como se quizesse terminar de uma vez com aquelle dialogo antipathico:

— Pois seja como for, á festa desta noite nós não iremos.

Como o ambiente nesse domingo memoravel não estivesse muito agradavel, os convidados sahiram muito mais cedo que de costume.

Sylvia deixou-se ficar deitada em um **lit de repos** na saleta a meia luz remoendo a sua raiva contra Flavio, e talvez machinando um plano.

Logo após a sahida dos amigos, Flavio sahiu tambem dizendo á mulher que só voltaria para jantar.

A's 8 horas da noite, o jantar correu frio e triste, o casal quasi não se falava. Já pelo fim do jantar, Sylvia, a medo, jogou esta tremenda pergunta:

— Estás sempre resolvido a não me levar ao baile dos Faria?

— Resolvidissimo, mesmo porque tenho que fazer, vou agora á casa do Simões buscar uns papeis de urgencia e pretendo passar a noite toda arrazoando uns autos.

— Está bem; neste caso eu vou deitar-me, pois estou com somno.

Logo que Flavio sahiu, Sylvia correu ao telephone:

— Allô. 7-2252. Allô! E' Maria? aqui é Sylvia: ouve, resolvi ir ao baile com vocês, tenho uma fantasia optima, é um **fantoma,** fico irreconhecivel!

— ...

— A's 11? Pois sim, lá estarei.

Deixou o phone, esfregando as mãos de contente, dando saltos e cantando alto: "Se a moda péga, acabo como Judas no deserto..."

Foi para o quarto, vestiu-se com apuro, perfumou-se exaggeradamente.

Os sapatinhos de verniz, rasos, com grandes fivelas de prata, brilhavam ao menor raio de luz.

Mandou vir um taxi e foi ter com os amigos que já a esperavam vestidos.

O Dr. Galvão, velho experiente, aconselhou-a ainda que não deveria ir á festa sem o consentimento do marido; podia crear, por um capricho de momento, situação bem desagradavel para o futuro; elle era contra as festas, por principio, sem causa, ella deveria respeitar.

— Não faz mal, eu assumo toda e qualquer responsabilidade, vocês vão apenas commigo até á porta, lá na festa nem nos conhecemos, entenderam? E' só para facilitar a minha entrada e guardar o incognito.

Partiram; lá chegando misturaram-se na multidão das fantasias e não mais se viram durante toda a festa.

Sylvia com sua graça natural a todos trouxe "num cortado", sabia de cada um uma pequena historia que com satyra e relevo contava em altas vozes.

Foi ella a alegria da noite, todos a queriam, desejando provocar as suas indiscreções...

Quando se achava no mais agudo do enthusiasmo notou que um dominó acompanhava os seus menores gestos, e os seus olhos esfusiavam scentelhas de curiosidade.

Eram dois mysterios que se defrontavam!

Logo que Sylvia se sentiu assim perseguida esmoreceu, e receosa foi abrigar-se por instantes na ampla varanda onde pequeninas mesas, com luzes, davam abrigo entre palmeiras, flores e serpentinas.

O dominó negro, notando o desapparecimento da sua **presa,** correu ao seu encontro. Descobrindo-a, foi sentar-se a seu lado, pedindo com estranha ternura na voz, que lhe prestasse um momento de attenção: — Achava-a tão interessante, tão animada nos seus gestos, movimentos tão graciosos, sentia que o **fantoma** era differente de todas as mulheres... e elle, sentia-se ridiculo de confessar como a **Luxuria** na tentação de Santo Antão, de Flaubert: — **Oh! inconnue, je suis amoureux de tes yeux!**

— O mysterio faz-lhe assim tão mal?

— Mal não é propriamente o termo; o mysterio é a vida, e é por isso que o carnaval é tão encantador! Porque gira em torno da vida.

— Vejo que temos algumas affinidades, pois eu julgo tambem que o mysterio é o grande gerador de prodigios.

— (o dominó contente) — Eu não me enganava; logo que a vi senti qualquer coisa que nos approximava, uma força occulta, maior que a minha vontade que me impellia para o seu mysterio, como uma fatalidade.

— Oh! o dominó está eloquente! Mais devagar; lembre-se tambem que na mesma **Tentação** que acaba de citar lá se diz tambem: — **Quanto mais procuramos conhecer as cousas, ellas deixam de existir**...

— Tem razão; mas, quem viveu, como eu, ignorado dentro de si mesmo, e encontra-se agora resuscitado, devendo-o a uma simples opportunidade de carnavál, não póde medir consequencias.

Eu quero, eu desejo conhecel-a!

Pegando-lhe nas mãos, tremulo de emoção, approximou-se para beijal-a, no que foi repellido violentamente.

Sylvia na sua voz de falsete bem accentuada disse com arrogancia:

— Se quer conhecer o meu espirito, dou-lhe todo o direito, brutalizar-me não!

— Perdôa! Perdôa, meu lindo e divinal **Fantoma;** acredita que eu mesmo estou me desconhecendo; nunca me julguei capaz de violencia igual!

— São os effeitos do **Champagne**... e do carnaval. Gosta assim tanto das festas de Momo?

— Muito; sou apaixonado!

— E, todos os annos **soffre** pelo desconhecido?

— Não; foi o primeiro anno que sahi livre de casa.

— Livre? E' — então, captivo? Nesta epoca...

— Captivo, não, mas sempre no carnaval estou acompanhado, mas nunca fui dominado por tão grande emoção. E creia que deve ser a mais sincera, pois amei primeiro o seu espirito, antes de amar a sua pessoa; esse abalo perdurará por toda a vida. E' o unico verdadeiro.

— Eu sou differente do Dominó; estou afflicta para desvendar o mysterio e mostrar-me em plena luz. De começo pensei que estava brincando... agora vejo que a situação se complica... Quer ver-me?

— Oh! E' todo o meu desejo, pois a primeira etapa está vencida; é a mais difficil, é a conquista do espirito...

— E se tiver uma tremenda decepção?

— Não é possivel, o corpo é o reflexo da alma!

— Bravo! Vamos então para aquella sala, onde não ha ninguem, e eu tiro a minha mascara, mas com a condição de tirar tambem a sua.

— Prometto.

Levantaram-se; foram até á pequena sala; estava deserta. O **Fantoma** teve o cuidado de se occultar bem junto á parede e preparar o rosto. Compoz os labios com o **rouge,** passou pó de arroz. Quando voltou-se o **Dominó,** que estava ávido á espera teve uma forte exclamação: — Sylvia! és tu!

— Sim; sou eu; conheces-me? Agora tira a tua mascara antipathica; quero ver se tambem conheço o illustre curioso.

— Não posso.

— Como? Não foi o trato que fizemos? Isto não é leal, não é de um cavalheiro...

— Pois bem, espera.

Virou de costas, compoz os cabellos e voltou-se.

— Flavio! Tu! Será possivel? O homem que detestava o carnaval! Que revelação, meu Deus! Estou attonita. Esperava tudo neste mundo, menos isso.

Flavio puxou-a pela cintura, beijou-a bem na bocca, dizendo:

— Ouve: ás vezes, vivemos mezes, annos, juntos, todos os dias, até morrermos, sem termos um ensejo sequer para nos revelarmos tal qual somos; temos pudor de nos mostrarmos a fundo, dependemos para a nossa felicidade do acaso, de um momento que devemos esperar e não forçal-o, e esse momento Sylvia, foi chegado para nós; hoje, nós somos um do outro, **nos encontramos pela primeira vez;** nós nos descobrimos!

Vamos dansar, celebrar ao prazer deste carnaval a gloria do nosso amor!

No turbilhão das musicas carnavalescas, parece que tudo se combinava, e o jazz tocou uma valsa lenta, chorosa como uma prece, quasi uma supplica. E o casal que toda a noite do baile passou junto, e que ninguem sabia quem era, dansava voando, parecendo subir para o infinito... para o paiz dos sonhos...

ACREDITEM OU NÃO... POR STORNI

O MUNDO EM REVISTA

O 1º EMBAIXADOR RUSSO NOS ESTADOS UNIDOS — O Sr. Troyanovsky, o primeiro embaixador da U. R. S. S. na America do Norte. Esta photo representa a chegada de S. Exa. e sua familia á "Gare du Nord", em Paris, no dia em que deixou a França. O Sr. Troyanovsky viajou para os Estados Unidos a bordo do "George Washington".

O ASSASSINO DE ION DUCA — Eis a primeira photographia que appareceu de Nikolas Constantinescu, o homem que matou a tiros o primeiro ministro da Rumania, Ion Duca, quando este esperava um trem na estação central de Sinaia. O bandido, que tinha dois comparsas, prostrou o politico rumeno desfechando-lhe quatro balas na cabeça.

DEPOIS DA VICTORIA... — Tilden (á esquerda) cumprimentando seu parceiro Vines após a derrota deste no *court*, em Madison Square, em fins de dezembro, por 3 sets, bem disputados. O score foi 8—6, 6—3, 6—2. Concorrencia assombrosa. Muita gente teve que ficar de fóra, porque não havia mais logar. Embora vencido, Vines promette ser um tennista temivel.

QUEM TEM PADRINHO... — Ignaz Westenkirchner (á esq., sentado) em palestra agradavel com o Chanceller allemão, na residencia deste. De pé, a Sra. Westenkirchner. O casal vivia longe da Patria, ha muitos annos, curtindo necessidades. Regressou agora á Allemanha, por intermedio de Hitler, que sempre o estimou. O Dictador hospedou-o em sua casa, com todo o carinho, e faz por ambos o que póde. E eis ahi porque S. Exa. está satisfeito...

TAL PAE, TAL FILHO — Jack Holt, o elegante galã cinematographico, e seu filho "Tim". São muito amigos um do outro e têm os mesmos gostos. Ninguem lhes passa a perna em materia de sport. Praticam com ardor a equitação, a natação, o foot-ball, etc. O querido "Tim", que se chama em sociedade Charles John Jr., tem agora 14 annos. E' muito alto para sua edade. Seus cabellos são pretos, como os olhos, e sua physionomia é sympathica. Pretende ser tambem um "astro" do Film.

O FASCISMO NA IRLANDA — O chefe do Fascio da verde Erin, o general O'Duffy, falando a seus correligionarios, reunidos numa praça de Clonmel, perto da capital. O patriota irlandez não esmoreceu em seu ardor pela causa que defende, depois que sahiu da prisão.

A FUGITIVA

O vapor que nos transportava a Bordeaux proseguia sua derrota ao longo do littoral africano. A'quella noite — cerca das onze — a tempestade que ameaçara, toda a tarde, decidiu-se finalmente a desencadear-se. E através do immenso abysmo negro da noite, o mar batia, com vagas tremendas, nos costados de nossa nave. Refugiados no bar, vazio de clientes, eramos quatro a cavaquear vagamente: eu, Barlin, cultivador de café e de côcos no Cameroum; Tournier, administrador de fazendas, que transcorrera trinta e oito mezes no Congo; a Sra. Rime, eposa do medico de Fort-Lamy, e que ia á França. A "Bella Daisy" — como lhe chamavam — tinha 25 annos apenas e uma belleza que, desde seu embarque, revolucionara todos os celibatarios a bordo. De quando em quando, os relampagos riscavam o céo, illuminando o bar com sua luz azulada.

Bruscamente, Tournier, encolhido na poltrona, exclamou:

— Foi exactamente numa noite como esta...

Uma pausa, depois — como si a mente se esclarecesse — teve um pequeno sobresalto nervoso e seu rosto encarquilhou-se.

— ... Faz um anno, hoje — disse — exactamente um anno!...

— Um anno que? — perguntei.

Tournier volveu um olhar em torno, accommodou-se na cadeira, enxugou a testa.

— Oh!... — proseguiu — E' uma historia, uma historia que os impressionará...

— Conte! Conte! supplicaram os outros.

— Está bem... Ha justamente um anno... O facto passou-se no Congo. O tempo estava tão feio como agora: aguaceiro, vento, relampagos, raios! Eu me encontrava em casa, em meu quarto, e quando me despia para saltar na cama ouvi uma voz sob a janella.

— Quem é? perguntei.

Foi meu criado quem respondeu:

— O Sr. Virlon passando muito mal... Ir depressa!...

A principio não comprehendi. Eu estive ausente uns vinte dias, em excursão na floresta, e havia uma hora sómente que eu tinha regressado aos penates. De nada sabia, portanto.

Virlon dirigia as plantações de uma sociedade agricola, distante de minha casa alguns kilometros. Era um rapaz louro, corpulento, jovial. Vinte e cinco annos. Tinhamos jantado juntos, na vespera de minha partida, e eu o deixei gosando saude.

Entrementes, a voz extranha insistia, sob a janella:

— Depressa!... Capaz morrer... louco... Ir depressa!...

Vesti-me rapidamente e, mettido num impermeavel, puz-me em marcha, fazendo-me acompanhar de dois guardas.

Cheguei á casa de Virlon ás 2 horas da madrugada. Afastei-me dos guardas, e encaminhei-me para os aposentos do meu amigo. Elle estava extendido sobre o leito, e parecia um cadaver. Até hoje duvido que a molestia pudesse, em tão curto prazo, transformar uma pessoa a tal ponto.

A' luz da lampada, animou-se um pouco, sahindo de seu hebetismo. Volveu um olhar em minha direcção. Dir-se-ia que me queria falar.

Avizinhei-me delle. Passei-lhe, de leve, a mão na fronte. Virlon cerrou os olhos, reabrindo-os logo. Desprenderam-se-lhe dos labios algumas palavras. E inopinadamente, numa especie de grito estrangulado, uma phrase fugiu-lhe da bocca:

— Onde está ella?

Fiquei perplexo, um momento, sem atinar com a pergunta.

— Ella quem? — inquiri.

Virlon pareceu, por um instante, recobrar os sentidos. Uma sombra de sorriso voejou sobre seu rosto esmaecido. Ergueu a custo a mão descarnada e disse:

— Eu... não sei... Ella... que veiu... ha uma hora...

A seguir, com um grande suspiro, recahiu immovel, desta vez para sempre.

Naturalmente, eu não liguei importancia á sua phrase. O pobre rapaz delirava.

No momento em que assim eu pensava, surprehendi na mão de Virlon um pedaço de panno branco.

Instinctivamente apossei-me delle. Era um lenço de mulher. Ainda estava perfumado. Tinha duas iniciaes bordadas a capricho...

Virlon não havia delirado, não. Uma mulher, uma civilizada, ali estivera.

E como o desgraçado, perguntei, a meu turno, dentro de mim mesmo:

Onde está ella?

Em vão indaguei os lavradores, no campo, á hora do descanço, si a tinham visto. Disseram-me que uma caravana passara perto do logar, um dia antes.

Hoje, não posso ver uma tempestade egual a esta sem pensar naquella enigmatica dama que, perseguida pela borrasca, se asylou na casa de um moribundo, que ella ajudou a morrer, com um leve sorriso...

— E por que seria que ella se retirou? — perguntou Barlin.

Tournier não deu resposta. Um longo silencio seguiu-se, então, emquanto os uivos da ventania e o fragor das ondas e da chuva se faziam mais distinctos em torno a nós. Depois, Daisy Rime disse:

— Ella não teve, naturalmente, coragem de assistir a morte de Virlon.

Mais adeante, inquiriu:

— E o lenço? Que fez delle?

— Tornei a pol-o entre os dedos de Virlon. Elle o levou comsigo. Acha que procedi mal?

Daisy não virou o rosto, mas sua voz tornou-se mais fraca ainda quando respondeu:

— Não...

MASCARAS CONHECIDAS...

Miguel Bilota consagrado artista do Congresso dos Fenianos.

O Pharaó famoso desde os primeiros carnavaes da cidade.

Francisco Leal, Presidente dos "Furrecas" de Santa Cruz.

João Luis Pereira (Patativa), conhecidissimo do mundo carnavalesco.

Francisco Guimarães (Vagalume), decano dos chronistas carnavalescos.

A Desforra da Alegria

POR Dr. MATTOS PINTO

(Especial para O MALHO)

A festa dos guisos e dos tamborins dissipou a melancolia das cousas serias. O divertimento das serpentinas e dos falsetes distribuiu alegria pela cidade.

Ouvis esses cantos risonhos, que remoçam o coração e emprestam agilidade ao corpo? Sentis esses fremitos suaves e calidos, que irritam a austera razão, mas deliciam o instincto? E' a nova infancia do mundo, ainda mais pueril do que a outra, a infancia periodica do povo, que se vinga do crepusculo da vida e immortaliza a alegria.

Eis Momo! A sua gargalhada, onde brincam os chistes e as facecias de toda gente, parece rir da vaidade do imperador romano: "Cheguei, vi e venci". Pobre Cesar! Momo chega, vê e vence, todos os annos.

De onde vem o Carnaval? Offereceram-lhe diversas etymologias, mas a erudição não lhe deu nenhuma fonte exacta. CARNI, VALE? Adeus á carne? Littré nos mostra as duvidas etymologicas, que pesam sobre a palavra mais divertida do vocabulario humano, duvidas que não affectam, nem jámais affectarão o enthusiasmo da festa.

Outros, menos preoccupados com a philologia, mas ciosos do berço historico, traduzem o Carnaval, como a transformação de certos festejos religiosos, da alta antiguidade, communs a Babylonia, Egypto e Israel.

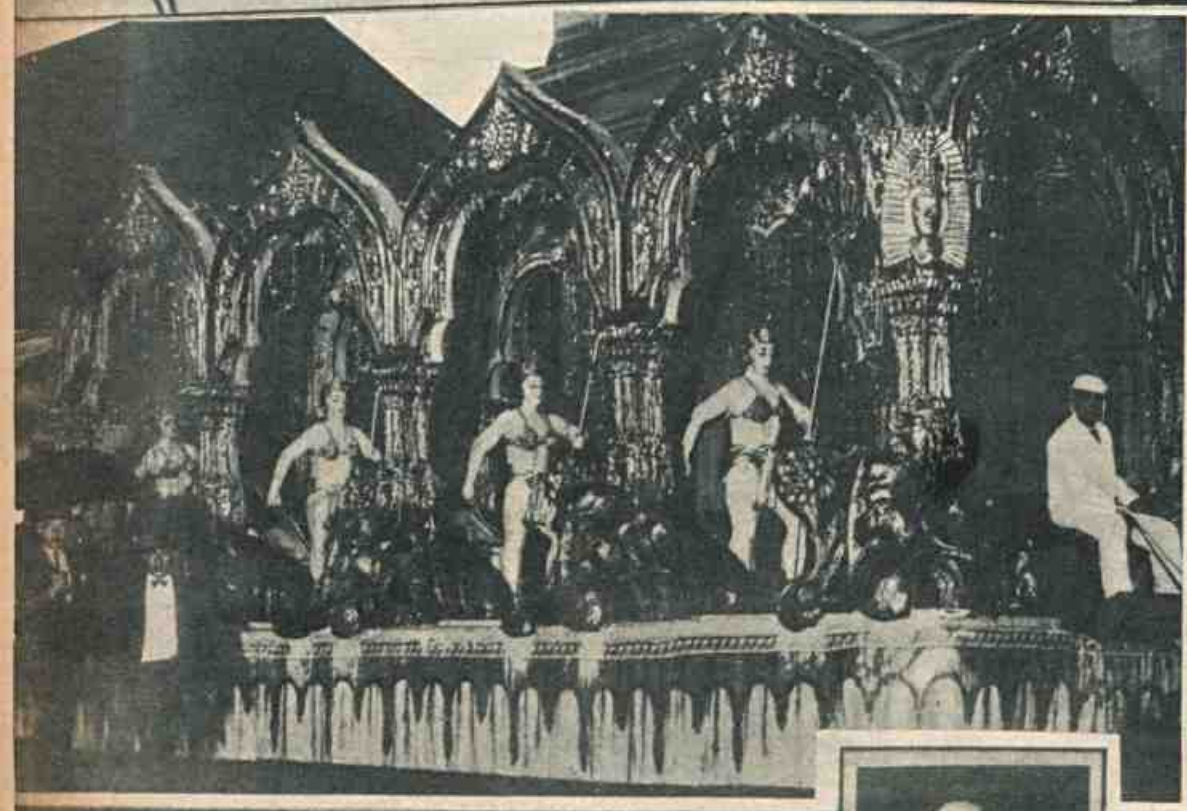
As solemnidades mysticas, commemorativas do novo anno, ás quaes se relaciona o Carnaval, datam de tempos immemoriaes. Buchet-Cublize faz remontar o brinquedo do boi carnavalesco, tão popular em todo o Brasil, ao Egypto.

O povo inventou uma lenda para justificar o ritual comico. Osiris, o bemfeitor da vida, daquelle que faz germinar os campos, o deus da fecundidade, puxou o arado, sob a forma de boi.

Os egypcios manifestaram o seu contentamento a Osiris, sob essa metamorphose, passeando-o pelas ruas ou pelo Nilo, em cujas aguas o afogavam.

Originario do Egypto? Ha quem vendo e ouvindo as sonoras loucuras do Carnaval, recorde o galhofeiro Baccho, esse deus das orgias, das farras demoniacas e mythologicas.

Outros entendem, que a origem do Carnaval é menos duvidosa do que a etymologia da palavra. Vão situar-lhe a fonte historica nas saturnaes de Roma.

Consagravam a Saturno, deus do Lacio, o ultimo mez do anno, porque terminava a semeadura, a terra acolhia no seio os germens productivos, o tempo augurava novos jubilos.

As familias se divertiam no lar e o povo se regosijava na praça publica. Ao lado dos cerimoniaes attribuidos a Janus, havia alacridade geral.

Nos dias consagrados a Saturno, os romanos não podiam fazer guerra. Os escravos gosavam de liberdade. Os condemnados viam as suas penas suspensas. Reinava a alegria popular em Roma.

Sabes, Momo, de onde remontam os tlin-tlins dos teus guisos e a gargalhada rouca dos teus reco-recos? Todos sabem, sim, que desde os tempos antigos, nas saturnaes, bacchanaes, e outros folguedos mythologicos, havia cortejos, homens mascarados de deuses, tamborins, cantos, amores, cymbalos alacres, em cuja sonoridade jov[ens,] creanças e homens punham o sentimento ephem[ero] do prazer, esse fragil e idolatrado prazer, que [o] philosophar Epicuro, e que faz brincar o homem [do] povo, que nada conhece de epicurismo.

Será Momo um deus evoluido, um Baccho tra[ns]formado e rejuvenescido pelo progresso do diver[ti]mento?

Se a imprensa é a democracia da palavra, co[mo] queria Lamartine, se a photographia é a democra[cia] do retrato, como queria Barbey d'Aurevilly, digar[mos] nós que o Carnaval é a imprensa falada e color[ida] do riso, a photographia animada da galhofa, a v[er]dadeira democracia da alegria.

Ducange explicou o Carnaval, pela etymolo[gia] *carn-à-val*, a carne se vae.

Mais astuto, Rabelais descobriu no banquete u[ni]versal de Momo o sentido do CARNIS LEVAMEN, o de[s]fogo da carne.

Eis o Carnaval! Eis a desforra [da] Alegria.

Um carro allegorico dos grandes prestitos de terça-feira gorda.

Ama secca — uma fantasia que ás vezes tem espirito.

A alegria dos mascarados cariocas: Pae João galhofeiro, contando "causos" na Avenida.

Esquecido de Baccho e de Saturno, elle conhece as delicias de um "chopp" duplo e a alegria de um bom trote.

Uma burrinha de circo que nada fica a dever ao boi sagrado da beira do Nilo.

Um carro de critica do Carnaval carioca não respeita nem a magreza apostolar de Gandhi

Detalhes de um carro allegorico das grandes sociedades

A melhor "bola" do Carnaval deste anno

O cortejo indigena de canoas que acompanhou a caravella de Pedro Alvares Cabral.

Só para desmentir a marchinha do Carnaval "seu" Cabral chega ao Brasil em canoa, não dois mezes depois, mas 12 dias antes do Carnaval.

UMA das coisas mais engraçadas dos preludios do Carnaval deste anno foi a parodia á chegada de Pedro Alvares Cabral ao Brasil. Os bons carnavalescos de Nictheroy armaram um scenario de tribu indigena, no Sacco de S. Francisco, e improvisaram umas formidaveis caravellas de canôas, e uma vez arranjado um Cabral de barbas propheticas, o resto correu que foi uma belleza. Cabral aportou entre indios que jogavam *foot-ball* e indias que dansavam os ultimos foxs de Hollywood.

A piada teve um successo estupendo.

Uma tribu ferocissima, fazendo uma bruta manifestação ao photographo d'O MALHO especialmente convidado para a recepção do Almirante Pedr'Alvares.

Algumas das indias que festejaram, com as ultimas dansas americanas, a chegada de "seu" Cabral ao Sacco de S. Francisco.

Um grupo de anthropophagos, percebendo que o "Patek" de Pedro Alvares Cabral estava um tanto atrazado, improvisa animado bate-bola, para divertir os espectadores.

A MASCARA E A FANTASIA

NÃO póde haver carnaval sem mascara. O Carnaval classico cahiu desde que a mascara entrou em desuso. A mascara é, de certo modo, uma coisa muito seria. Ella representa para o individuo a unica maneira de fugir temporariamente aos pesados formalismos de uma vida codificada e protocollada, mesmo nos minimos detalhes. Ella responde não só a uma necessidade, mas a attitudes effectivas. O homem do seculo XVIII sabia mascarar-se. Vejam como estamos longe delles em materia de Carnaval!

Pesados, standardisados, sem fantasia, nós os modernos não temos outra mascara senão aquella que a Natureza e a vida formaram para nosso uso: mascara que não é nem mais bella nem mais verdadeira que a outra.

Só nos resta a fantasia, coisa profundamente diversa. A fantasia é a toilette que se traz visando apenas a um mero effeito decorativo. Não quer dizer que a fantasia não seja uma coisa agradavel á vista. Póde constituir uma curiosidade documentaria desde que seja uma copia estudada e fiel de costumes antigos. Póde assumir um valor de "creação" comtanto que seja uma combinação genial de elementos pictoricos. Póde ser um encantamento quando se modela sobre formas graciosas. Mas não é mascara.

A verdadeira mascara não existe mais, como os pastores, as fadas e todas as doces illusões dos tempos em que o homem sabia divertir-se, enganando até a propria familia, que nunca soube quem lhe deu aquelle *trote* pyramidal!

Não se ouve mais o rufo stentorico dos bombos, que tanta animação davam á festança:

Bum! Bum! Zé Pereira!

e está com seus dias contados o

Você me conhece?

Mascaras feitas por Wally Westmore, decorador da Paramount, cuja auxiliar nos retoques é esta formosa senhorita que aqui se vê em plena actividade. Vocês a conhecem? E' a Shirley Grey. Ora ahi está!

Preludios do Carnaval

Dois suggestivos aspectos do baile animadissimo que a Associação Allemã promoveu no Icarahy Praia Club, sabbado passado.

CAMPEÕES DE TENNIS — William Tilden, o "Big Bill" dos courts americanos (á direita), apresentando suas boas vindas a Ellsworth Vines, campeão nacional de "singles", por occasião da sua chegada a New York em companhia de sua senhora. Este par deixou Pasadena (California) ao tempo em que os estudantes da Universidade de Columbia disputavam com os de Standford partidas de bowling. Datam de então as relações de Vines com Tilden. O recento encontro dos dois campeões em Madison Square estava promettido desde muito tempo.

Variações sobre a mulher japoneza

(Conclusão)

As praias do Japão deram-me uma encantadora visão d'esse paiz e mostraram-me a mulher japoneza sob um aspecto que eu desconhecia.

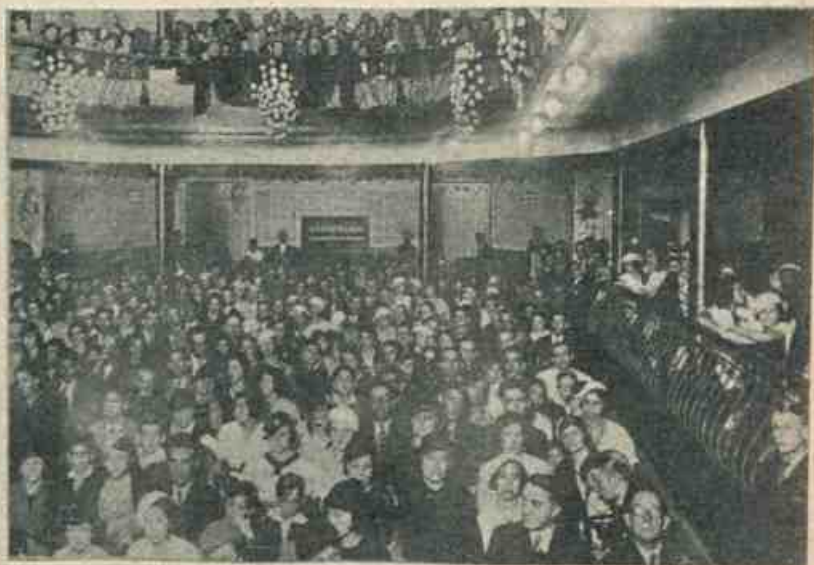
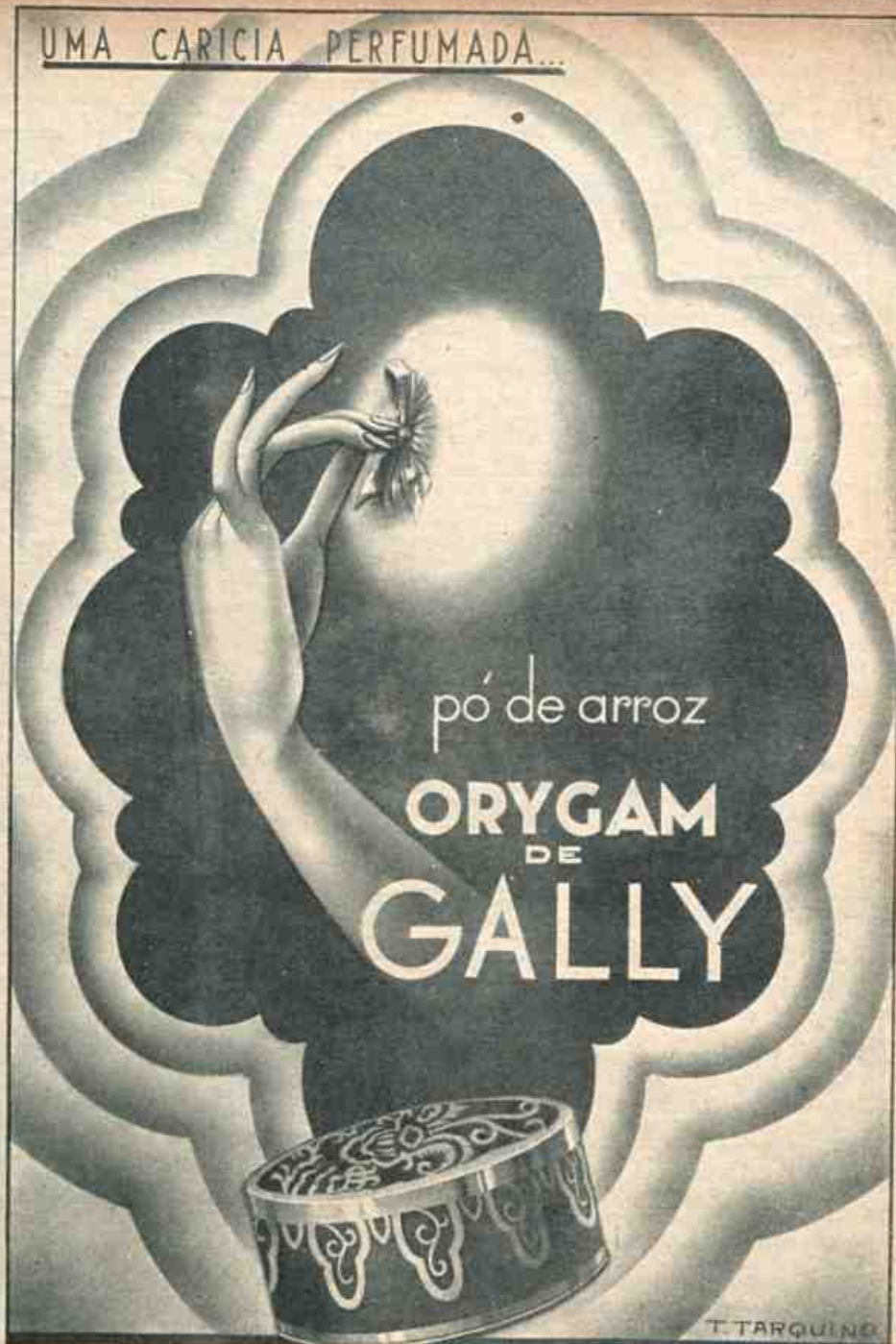
Estive no Japão — no verão de 1933, o mais quente dos ultimos cincoenta annos — o que me deu ensejo de ver as praias japonezas animadas de intensissimo movimento.

Seja a praia de Kamakura — que considero a Copacabana do Japão — seja a de Hamadera, perto de Osaka, seja as de Maiko, Suma e Akashi, nas vizinhanças de Kobe, enchem-se diariamente, no verão, de uma multidão em que predomina o elemento feminino.

Que lindas e graciosas musumés! Pensaes talvez que os seus trajes de banho sejam antiquados ou fóra de moda! Considerae, porém, as photographias que illustram esta breve chronica e tereis — sem ir até o longinquo Japão — uma nitida impressão das japonezinhas que frequentam as praias de banho!

Os seus maillots são os mais modernos — e lembro-me no momento, dos desfiles de manequins vivos, nos grandes **department stores** de Tokio e de Osaka, para apresentação das ultimas novidades no genero. Quando teremos nós nas nossas lojas essas manifestações de elegancia praieira?

Na praia, essas gentilissimas **musumés** entregam-se a todos os sports proprios do local. Não deveis suppor que as acompanha alguma pessoa da familia ou uma governante. Não. Vão para a praia e voltam para casa, sós. Os rapazes japonezes são verdadeiramente bem educados e absolutamente cortezes. Seriam incapazes de dirigir uma pilheria a qualquer das graciosas banhistas que cruzam no caminho — e quanto mais de as seguirem, como fazem os rapazes de certos outros paizes.

Que extraordinario paiz, sob todos os pontos de vista, é o Japão!

D. AQUINO CORRÊA

Festival commemorativo das bodas de prata sacerdotaes de D. Aquino Corrêa, no theatro do Lyceu Coração de Jesus, de São Paulo, em 30 de Janeiro.

(LENDA GUASCA)

Por OSWALDO ORICO
ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

FOGO-MORTE

FOI em meio da viajada, que o carreteiro teve a idéa de pousar no abrigo da restinga.

Já meio cansado da travessia, aproveitou a noite para dar allivio á boiada, que farejava bom pasto, e ao peãozinho da estancia, que resmungava de fadiga.

Tudo era silencio e quietação.

— Aqui vamos passar uma noite menos má,—disse elle ao gury. Toca a boiada p'ro campo emquanto eu vou tratar do fogo, que isto está de tirar lexiguana.

Effectivamente, a frieira era de rachar. O piá, obediente e solicito, encarregou-se dos bois e o patrão sahiu pela estrada em busca de lenha para o fogo, antes que escurecesse de todo.

O trabalho era arduo, pois os inimigos eram muitos: a fome, o frio, a noite. O carreteiro, porém, não se entibiou. Trouxe lenha do matto e do alforge puxou o "amargo", o feijão, o xarque e o arroz. Tudo isso constituia a sua provisão de viagem. E nada mais precisava para a satisfação e socego do appetite e da alma na extensão verde da campanha.

Preparadas as coisas, começou a puxar os gravetos para o lume. Aquillo, porém, dava muito trabalho. Inquirindo com o olhar as redondezas, viu lá adeante o fogão abandonado de alguem que ali tambem fizera pouso. E uma alegria inexprimente fel-o abandonar seus preparativos e aproveitar os tições que ainda falavam de um rancho de vespera ou de uma sésta na orla do bosque. Approximou-se do local visado e lançou em cima as panellas, assoprando a chammazinha occulta, que logo ardeu numa vistosa labareda.

— Puxa! que estava de sorte...

\+ + +

O cheiro bom do xarque assado nas brasas foi bater no campo onde o piá se entretinha em cuidar do boi. Lésto, açoitado pela fome e pelo frio, o garoto correu para junto das carretas onde o patrão virava e revirava a carne, antegosando a delicia do repasto ajudado pelo tição do acaso.

— Pois não é que encontrei aqui perto um fogão já prompto! Botei-lhe em cima lenha da boa e a carne andou rapida. Em cinco minutos chamuscou que foi uma sorte. Temos fogo p'ro "amargo" e para esta friura, que já me corta o poncho.

Em vez de allegrar-se com a noticia, o garoto ficou murcho e não quiz provar nem do xarque nem do "amargo". Elle desconfiava de qualquer coisa. Já ouvira falar uma vez que fazer fogo em cima de velho fogão era o mesmo que ir p'ra ramada dos guedes. Dava azar em penca. Mas, de medo dum carão ou duma sova, não disse nada. Benzeu-se todo, como quem quer fugir á desgraça, emquanto o patrão se preparava para regalar-se com a carne abrasada no lume alheio.

\+ + +

A noite esfriava cada vez mais. E o minuano varria as estradas assobiando a sua aria pelas coxilhas e escampados. O carreteiro, depois de haver matado a broca, valeu-se do lume para fugir ás inclemencias do sudoeste. E, approximando-se do logar onde ardiam os gravetos, entregou-se ás delicias de um somno que deveria ser tranquillo e reparador.

O piá é que não se mostrava nada satisfeito. Uma coisa qualquer lhe annunciava o proximo desfecho daquella imprudencia. A custo conseguiu fechar os olhos, atormentado pelo instincto e açulado pelo frio que lhe varava as roupas. Mal havia entrado no somno, acordou espavorido, como se o assaltasse um pesadelo. Volveu os olhos para o logar em que o carreteiro se deitara e soltou um grito de espanto. As labaredas do fogão, sopradas pelo vento, tomavam proporções medonhas, envolvendo as carretas onde o nosso herói repousava já todo chamuscado.

E o clarão do incendio augmentava sem cessar, alargando-se pela noite assustada.

— Vae buscar agua! — berrava indicando a sanga proxima.

Em correrias loucas ambos iam e vinham de um para outro lado, tentando suffocar as chammas que se atiravam contra elles em lances doidos.

Uma noite inteira durou a tragedia dessas duas almas ameaçadas pelo fogaréu. Só depois que o riacho seccou é que as labaredas acalmaram e o tição voltou ao somno. Mas que luta não lhes havia custado a imprudencia do carreteiro!

\+ + +

Quando raiou o sol, fatigados e afflictos, sahiram os dois á procura dos bois e dos haveres que levavam na viajada. Inutilmente vararam atalhos e campos em busca dos animaes. Estes haviam desapparecido sem deixar qualquer vestigio.

Desesperançados já, rumaram em direcção á estancia, onde esperavam repousar das peripecias da viagem.

Mal haviam transposto a cerca de arame que separava a estancia da estrada, sahiu-lhes ao encontro o negro da casa, cuja physionomia carregada denunciava alguma grave occurrencia. Topando com o patrão, não esperou por nada. Correu para elle e desfechou-lhe a ultima novidade.

— Sua china havia fugido com o tropeiro, carregando por cima uma guayaca recheiada e uma tropilha de bois.

O pobre homem, que já vinha bambo de tantas fatalidades, não resistiu á ultima e acabou por perder o juizo.

O peãozinho guardou a lição e espalhou o episodio por toda parte.

Desde então nunca mais gaucho algum arriscou fazer fogo em cima de fogão alheio. A' hora do pouso ou da sesteada, busca sempre repousar o seu lume afastado de outro qualquer de que haja indicios. A superstição do "fogo-morte" lhe apparece nesses momentos, trazendo-lhe á lembrança a imagem imprudente do carreteiro que, por praticar tal "barbaridade" só mesmo propria de hereje, perdeu a boiada e ficou sem a china.

— Não vê que depois disso elle atiça fogo p'ro churrasco dos outros!...

Em vão falavam a José Chrispim de celebres orthopedistas da Paulicéa, que lhe podiam concertar aquelle braço. Era-lhe prejudicial ter os dois braços bons; ver-se-ia forçado a trabalhar. Assim, com o esquerdo aleijado, daquella fórma tão estranha, poderia continuar recorrendo á caridade.

Na verdade, se quizesse, elle seria capaz de tentar um serviçozinho. Mas não valia a pena trabalhar para viver, uma vez que tinha o sufficiente sem se maltratar. Essa era a opinião que ouvira de seu pae, quando este era vivo, e José Chrispim, que trazia no sangue a languidez do nosso caboclo, achava-a bem boa. Ambições, não as tinha. Tambem que ambições poderia ter um mendigo com um aleijão daquelles, um antebraço tortuoso e pegado ao braço, com a mão torcida para fóra e a palma para cima, os dedos crispados e parecidos com gengibre e tudo isso sem poder mexer, duro junto ao corpo magro...

Vivendo de esmolas, havia muitos annos, desde menino, José Chrispim conhecia todos os segredos da mendicancia. Sempre andrajoso, cabisbaixo, lamuriento, o lado defeituoso voltado para as "almas generosas" a que se dirigia, elle sabia inspirar compaixão. Quando batia a uma porta, fazia-o como se fosse timidamente, baixinho.

Foi dessa maneira habil que elle bateu á porta da casa de Iracy. E ella, menina que se estava tornando moça, com o coração que transbordava de generosidade pelos doces olhos glaucos, pelo sorriso franco, foi depositar no chapéo do mendigo o seu obulo. Viu-lhe, primeiro, o braço feio, depois a physionomia pallida, chorosa e miseravel — em que avultava uma barba rala, mas crescida e suja — os cabellos desalinhados que lhe cobriam a testa estreita, e continuou sorrindo. José Chrispim olhou-a e sentiu-lhe o magnetismo benefico da pessoa feliz. Um calafrio lhe arrepiou as costas, a vista embaçou-se-lhe e pela unica vez até então, nos seus vinte e seis annos de vida, entristeceu-se por ser aleijado. Se fosse são como os outros homens, se estivesse na plenitude physica, como seria ditoso! Poderia levantar os olhos para Iracy e talvez amal-a e ser por ella amado.

Daquelle momento em deante, na alma do pedinte começou a haver uma ambição: — a de ser um homem de braços perfeitos trabalhar, forte, válido.

* * *

A' hora da reza, na escadaria da igreja, os olhos de José Chrispim, fundos e ligeiramente obliquos, foram illuminados por subito clarão. E' que uma idéa lhe accorrera á mente. Aquella bolsa, que a senhora abrira para lhe dar uma esmola, tinha o dinheiro bastante para elle vir do noroeste paulista á capital, para tornar realidade o sonho que o não abandonava noite e dia, para concertar o braço e ficar digno de Iracy. Não hesitou nem mais um momento: vestiu o manto da devoção e foi ajoelhar-se ao lado da senhora. A sorte parecia favorecel-o. A bolsa estava ali no banco, ao alcance de sua mão. Rapido, abre-a e occulta no seio o dinheiro que nella havia. Depois, espera como que tranquillamente o fim da reza, levanta-se e sahe. Na rua um suspiro profundo se lhe escapa do peito. Ia, finalmente, tentar a felicidade.

* * *

A cirurgia fizera mais um milagre. Mezes após o roubo, o antigo mendigo voltava para a sua terra com o braço esquerdo com todos os movimentos normaes, perfeito. A surpresa em todos que o viram foi grande e não foram poucos os que lhe offereceram trabalho. José Chrispim acceitou o de um engenho de beneficiar café e arroz.

Não fôra só o corpo do pedinte que passara pela transformação. Sua moral tambem se erguera e agora elle julgava poder enfrentar tudo, vencer tudo, conseguir tudo, até o amor de Iracy, para elle cada vez mais bella e mais adoravel. Quanto elle a amava!

E ora se imagina abraçado á linda menina, beijando-lhe os labios purpurinos, acariciando-lhe os louros cabellos annelados, ora se via conduzindo-a de volta da igreja, no dia do casamento, por entre curiosos, que haviam uns de lhe invejar e outros de lhe gabar a sorte.

Porém, na realidade, quão longe desse devaneio estava elle!

Iracy tinha paes que, se não estavam bem, não estavam de todo mal; elle, um homem muito pobre, canhestro no trabalho, só sabendo usar a dextra, e, sobretudo, ex-mendigo! Ex-mendigo? Que importava?

Elle havia de se tornar alguem na vida, rico e poderoso, para que seu passado triste ficasse apagado e não envergonhasse a joven amada.

Nessa disposição de animo, José Chrispim entregou-se doidamente ao trabalho. Aprendeu a se utilizar da mão esquerda e tanto se esforçou, que em menos de um anno se tornara o machinista do engenho.

Os conhecidos auguravam-lhe um futuro magnifico e, o que para elle era tudo, Iracy parecia sorrir-lhe, augmentando-lhe a paixão e as esperanças.

* * *

O medico abanou a cabeça deante daquelle corpo em coma. O unico recurso era a amputação de ambas as pernas, acima dos joelhos. José Chrispim tinha que voltar a ser aleijado, desta vez para sempre.

A força inexoravel da fatalidade fizera-o approximar-se demais da correia mestra, a qual ligava o motor ás machinas, de um compartimento a outro. Colhido por ella, em um instante, José Chrispim fôra á roda do motor, a quatro metros acima do solo, fizera a volta com a correia, o corpo no ar, como uma palha, e, já sem sentidos e com as pernas quebradas pela violencia dos choques, duas vezes de encontro á caldeira e ao humbral da porta, viera cahir no meio das engrenagens do engenho, quando um ajudante, percebendo a tragedia, fizera parar as machinas.

* * *

Andando com os côtos das pernas, José Chrispim perdera o valor moral, abaixara a cabeça de novo e voltara a pedir.

A principio sentiu nisso grande constrangimento, mas em pouco tempo o instincto do velho pedinte despertou e elle readquiriu toda a primitiva facilidade em obter esmolas.

Só não conseguiu dominar o temor de bater á porta da casa de Iracy, porque, ainda que completamente desesperançado de alcançar o seu amor, continuava elle a amal-a. Por isso, ao approximar-se da residencia da moça, fazia grandes e exhaustivos rodeios.

Foi num desses desvios que elle estendeu a mão para uma senhora. Mirando-a, José Chrispim reconheceu a mulher a quem roubara.

Uma tristeza enorme lhe tomou o coração e, pela primeira vez depois do roubo, depois da operação do braço, depois da amputação das pernas, comprehendeu que não devia ter amado, ter furtado e ter se rebellado contra o destino cruel e implacavel.

Dos olhos do mendigo brotaram, quentes duas lagrimas de arrependimento.

Foi desta maneira habil que elle bateu á porta da casa de Iracy..

Momo e as Mulheres

Carnaval? Uma imagem colorida e um rythmo maluco. Nada mais. O resto é que é fantasia...

—o—

A excepção da Morte, todos os acontecimentos humanos têm, em si, alguma cousa de carnavalesco. Exemplo: os casamentos...

—o—

A illusão é a fantasia carnavalesca do espirito. O homem que faz castellos no ar é tão louco como o pobre diabo que se acredita feliz simplesmente porque se metteu numa fantasia de **rajah** indiano — comprada, a prestações, num bazar amigo...

—o—

Uma mulher que se mascára está, sempre, com duas mascaras: a de sêda e a outra...

—o—

90% das mulheres preferem, no Carnaval, as fantasias sumptuosas: fidalgas do tempo de Luiz XVI, Pompadour, Maria Stuart, odaliscas... Ellas sempre desejam ser o que não são. Quando se vestem de hawaianas é porque possuem bellas pernas e pouco dinheiro. Quando se entrajam á cigana, é por amor aos brincos, braceletes, e outras bugigangas de pouco preço... Uma mulher só se veste de mendiga em caso de extrema indigencia...

—o—

O Carnaval é a festa das mulheres porque é, por excellencia, a festa da Mentira... As damas não hesitariam em fazer um Carnaval de 365 dias se tivessem o direito de mudar de mascara e... de par.

—o—

Como as damas, as creanças tambem gostam de Momo e de suas momices. Ha guisos que tilintam e homens com cabeça de burro... Ha côres fortes pintalgando as ruas, e o zabumba alegre dos Zés Pereiras... Mas as creanças, ao contrario das mulheres, contentam-se com as sensações epidermicas do som, da fórma e da côr...

—o—

Si eu invertesse a ordem das cousas, e só ficassem tres dias, no anno, em que se suspendesse o Carnaval, não haveria maior delicia do que tirar a mascara...

—o—

O "cordão umbilical" é o primeiro a que se agarra, na Vida, um carnavalesco nato..

Deitar lança-perfume numa pessoa desconhecida equivale, muitas vezes, a dizer versos a um cavallo de pau...

—o—

O Carnaval é uma folga no esforço universal de ser hypocrita...

—o—

Momo não seria tido, entre os homens, como um rei, se o seu reinado não durasse apenas tres dias. O que anniquila as dynastias é o dar tempo a que se discuta a sua razão de ser...

—o—

A Vida é um baile de mascaras em que cada um finge não reconhecer o seu vizinho, para poder se divertir mais á vontade...

—o—

Um marido que só dansa com a sua esposa, no Carnaval, está habilitado a fazer idéa de como a festa seria boa se não fosse ella...

—o—

A vergonha é uma convenção — como a mascara. A differença, em favor da mascara, é que esta é palpavel...

—o—

Adão foi, sem duvida, o unico homem que nunca se fantasiou... Por isso é que Eva não gostava delle...

—o—

O Carnaval é a Vida de todo dia, com algum rythmo a mais e algumas hypocrisias a menos...

—o—

Quaesquer que sejam os erros commettidos durante o Carnaval, elles ficam, sempre, em numero muito inferior aos praticados nos outros 362 dias do anno...

—o—

As serpentinas, simples fitas multicôres de papel, são o laço ideal para ligar dois corações dos nossos dias. São bonitos, custam uma ninharia e partem-se... quando o corso se movimenta.

—o—

O lança-perfume é o mais poderoso dos anesthesicos: calma todas as dôres, inclusive as de dentes...

—o—

Os **confetti** dourados são um modo microscopico de ser papel-moeda... As mulheres são loucas pelos **confetti** dourados...

—o—

O pae de familia que se fantasia de burro não mudou nada, no Carnaval..

Um homem vestido de Romeu... Ha 200 annos impressionava pelo romantisco da figura; hoje, impressiona pela magreza das pernas...

—o—

O barulho é a alma do Carnaval assim como o silencio é a alma da Morte...

—o—

Um homem doido é um sujeito que se esqueceu de tirar a mascara, na quarta-feira de Cinzas...

—o—

Dá-se o nome de melodia a um barulho diplomado pelo Instituto de Musica...

—o—

O tédio mata mais do que o peccado. O tédio é filho da virtude...

—o—

A quarta-feira de Cinzas é o dia em que as pessoas sem juizo voltam a fazer algum juizo do juizo que teriam feito da sua falta de juizo...

—o—

Um homem de juizo é uma estupidez de calças. Uma mulher de juizo é uma hypothese de saias...

—o—

O amor, no Carnaval... E' como uma conferencia patriotica num hospicio de alienados...

—o—

A tristeza que não se dissolve em alcool derrete-se ao calor de um samba...

—o—

Os guisos que se atam ao pescoço dos cães e os que enfeitam o traje de um carnavalesco têm o mesmo destino: servem para fazer encontrar, mais depressa, os animaes que os carregam...

—o—

A tristeza é a poeira do espirito. O Carnaval é a vassoura...

—o—

Dá-se nome de maluco ao carnavalesco que levou demasiadamente a serio o seu papel...

BERILO NEVES

Aventuras e desventuras de uma Arara Brasileira na America do Norte

(De Adolfo Aizen, especial para O MALHO)

Não me recordo bem. Sei apenas que passava distrahidamente, com o pensamento longe, olhando as varias gaiolas de papagaios, pintasilgos, periquitos e patativas do Pavilhão das Aves do Franklin Park da cidade de Boston, quando ouvi uma voz bem quente e bem macia, com entonações estrangeiras, chamar-me camaradamente:

— Olá, patricio! Approxime-se! Eu tambem sou brasileira...

A confessar a verdade, uma verdade nua, bem nua, meu pensamento nesse momento justamente procurava por alguem que deixara distante, alguem que era a serenidade e o amor. E, de repente, aquella voz... Olhei para a frente, para os lados, para traz... e foi ahi que dei com uma taboleta que explicava tudo: *"Brazilian Arara"*...

— Sim, sou eu mesmo **quem** lhe fala. Eu, arara brasileira, **não se** assuste...

— Não, não me assusto, **mas**...

Continuando a falar a **verdade**, todos sabem que eu muito pouco **me** assusto, acostumado que estou a falar com as paredes e estatuas. Mas...

— Eu sei. Estranha o meu sotaque, a minha entonação. E' assim mesmo. Quando se fica, tanto tempo, aqui, sem falar com os patricios, só a cacarejar este diabo de inglez, acaba-se assim. Eu, porém...

— De onde é, se me permitte a pergunta?

— Ora, esteja á vontade. Eu sou pessoa sem cerimonias. Quando aqui cheguei, nos primeiros dias, todos os outros bicharôcos tinham vergonha de se approximar de mim. Falavam aos segredinhos, piscando os olhos, acanhadissimos. Nunca vi gente mais sem geito que estes americanos! Então resolvi apresentar-me: "Fulano de tal; pa-ta-ti, patá-tá..." E todos me responderam, quasi em coro: "How do you do", "How do you do"... Sabe o que quer dizer? Eu expli...

— Sei o que quer dizer, obrigado. Mas, você de onde é?

— Ah, veja que cabeça! Já estava me esquecendo de responder á sua pergunta! A gente fica tão contente em conhecer um brasileiro nestas terras, que até fica tonta e faladeira! Sim, faladeira. Porque eu nunca falei tanto na minha vida quanto agora. Todos me chamam de arara, arara, que arara fala muito, mas é calumnia. Eu só falo assim...

— Calculo o seu contentamento. Mas...

— Eu nasci na Amazonia. Eu nasci naquellas florestas verdes que se perdem de vista e onde...

— Faz versos?

— Não. Mas sou romantica. Prefiro a prosa. Os "diarios" de senhoritas solteiras são a minha delicia. Quando eu era solteira...

— Ah... E' casada?

— Agora não. Divorciei-me ha coisa de dois dias. O meu marido era muito conversador e amoroso e eu não supportava os seus "rons-rons" e os seus carinhos... As minhas idéas sobre o casamento são muito americanisadas. E o sujeitinho, parece que do Canadá, estava muito brasileiro... Ora, eu...

— Como veiu a parar aqui?

— Como vim a parar aqui? Boa essa!... Como você. Viajando. De primeira classe. Trazido por uma senhora muito bonita que vinha de Recife. Em Belém, eu que andava aborrecida por me terem misturado, no Mercado, com araras de menor linhagem...

— Linhagem?

— O' yes! Eu sou de uma familia importantissima. Trazido, porém, como lhe dizia, para Boston, por aquella senhora bonita que me comprou por uns miseraveis doze mil e quinhentos (nesse tempo o dollar estava a seis mil réis), a principio senti um bocadinho de frio. Mas a casa tinha aquecedor e eu já estava me acostumando, satisfeita em ser estrangeira pela primeira vez, quando notei que havia um inimigo a me espreitar. Um inimigo...

— I-ni-mi-go?...

— Sim, alguem que desejava ver a minha caveira: a empregada.

E tomando folego:

— Como tive o presentimento de tudo? Como descobri a trama? Que espirito sherlockiano se apossou de mim? Tudo claro como a agua: notando a falta de comida com que ella me servia... Que fazer? Tive uma idéa: "Vou forçar a fuga..." e puz mãos á obra. Um parenthese: *mãos á obra* dizem vocês. Nós dizemos *bico á obra*. Essa coisa de idiomas differentes não é nada agradavel. Nos primeiros dias estranhei. Eu que sabia o inglez ensinado por inglezes, mal pude ser comprehendido pelos americanos. E você? Não lhe aconteceu o mesmo?

— Mais ou menos... — menti pela primeira vez.

— Onde estavamos mesmo?

— No bico á obra...

— Pois é. Puz o bico á obra e no primeiro dia do plano quinquennal já tinha o resultado: havia roido toda a madeira da janella onde me amarraram...

— Madeira? Janella?

— Houve um charivari dos diabos, na casa. Chamaram um profissional...

— Está falando difficil...

— ...e elle cobrou seis dollars pelo concerto. Era o que eu queria. Tivesse a bossa do "busnessman" e até lhe pediria uma commissão. Mas não tinha. E por isto, no dia seguinte, continuei o meu serviço. Amarraram-me na cosinha, ao pé de uma mesa...

— E você roeu a mesa?...

— Isso mesmo. Fiz um furo tal, bem no centro, que nesse mesmo dia estava resolvido o meu destino: deportação... Alguem lembrou o Zoologico...

Escurecia. O "Agemo" marcava quatro horas americanas. E o ciume das outras aves era patente aos olhos do reporter... Finalisei:

— Muito interessante a sua historia. Vou contal-a para os brasileiros. Quer alguma recommendação?

— Sim, peça que façam uma propaganda mais intelligente da nossa terra, aqui. Não imagina o que soffro quando digo, ahi por fora, que sou do Brasil. Preciso accrescentar que é um paiz da "South America", para que me comprehendam. E todos julgam que lá se fala hespanhol e que a capital é Argentina... Calcule você que até me perguntam se lá ha manteiga sem sal e annuncios luminosos... Muito soffre...

— Adeuzinho...

— *Bye, bye!*

Com a banalisação dos homens, Adolfo Aizen entrevistou em Boston, U. S. A., uma arara genuinamente brasileira.

A CHEGADA DO REI MOMO

O cortejo que acompanhou o Soberano da Alegria, sabbado ultimo, desfilando pela Avenida Rio Branco, rumo ao Palacio das Festas.

O rico "landau", viatura historica, que pertenceu a figuras de relevo da antiga aristocracia brasileira, que conduziu agora S. M. o Rei Momo da Praça Mauá ao Palacio das Festas.

Polar, o Rei Momo, victorioso no concurso promovido pela "A Patria".

Uma pequena frota que realisa uma grande obra

O leitor já fixou os olhos nos clichés desta pagina e disse comsigo: — "Navios no estaleiro"...

Não imagina, entretanto, que esses navios são outras tantas molas de uma machina que não pára. Em outras palavras: uma frota pequena, que realisa uma grande obra — a obra de ligação de um Estado importante — Santa Catharina — á Capital da Republica.

São os navios da Empresa de Navegação Hoepcke. Apenas tres: o CARLOS HOEPCKE, o ANNA e o MAX. Pequenos, embora, elles realisam o milagre de abastecer Santa Catharina daquillo que lhe falta e de allivial-a daquillo que lhe sobra. A quasi totalidade da importação e da exportação de cabotagem do Estado transita por esses tres navios. Velozes e seguros, construidos exclusivamente á custa da Empresa Hoepcke, sem nenhum auxilio, quer por parte do governo do Estado, quer por parte do governo federal, controlados pela assistencia permanente dos estaleiros modelares que a Empresa mantem em Florianopolis, sem nenhuma subvenção ou auxilio dos poderes publicos, essas embarcações incansaveis são tres galvotas gigantes, que percorrem, permanentemente, a costa sul do Brasil, vencendo, galhardamente, as intemperies e as crises economicas, no embate contra o oceano e na luta contra as concurrencias.

O vapor "Carl Hoepcke" nos estaleiros "Arataca", soffrendo limpeza do casco.

O vapor "Anna" em grandes reparações nos estaleiros "Arataca".

O vapor "Max" encalhado nos estaleiros "Arataca".

Emquanto dois delles realisam, semanalmente, uma viagem de Florianopolis ao Rio, fazendo escala por Santos e pelos portos do norte do Estado e cruzando-se em meio da viagem, o terceiro sahe em demanda dos portos do sul e Laguna, de onde volta abarrotado de productos da zona, destinados á exportação.

E' essa a faina dos tres vapores que se vêem nesta pagina, nos estaleiros da Empresa Hoepcke. Vencendo aguas bravias e ventos contrarios ou viajando em mar de rosas, elles são tres fortes molas do progresso de Santa Catharina.

Se algum dia, por acaso, nenhum outro vapor de nenhuma outra companhia pudesse frequentar os portos do Estado, elles tres, sózinhos, poriam Santa Catharina em contacto com o resto do mundo, levando para toda parte os productos de seu trabalho, que são provas exuberantes de seu progresso e de sua riqueza.

DAMOS a seguir o segundo artigo, da série que o Dr. Afranio do Amaral, director do Instituto Buttantan, de S. Paulo, escreveu para O MALHO, vulgarizando ensinamentos utilissimos sobre a maneira pratica de conhecer e combater as serpentes que infestam o Brasil, como uma das mais terriveis pragas que assolam as zonas ruraes.

A "cobra preta" ou mussurana, devorando uma serpente venenosa.

Sapo (Bufo paracnemis), acabando de comer uma jararaca.

Um Flagello do Brasil

Conhecidas as especies de serpentes existentes no Brasil e as suas principaes caracteristicas, vejamos, agora, as medidas indicadas na prophylaxia do ophidismo, examinando, separadamente, essas medidas:

1.ª *Defesa mecanica contra as picadas* — Baseado nas estatisticas que vem organizando ha mais de 30 annos e pelas quaes se verifica que, em cerca de 79% dos casos, a picada das nossas viboras attinge os membros inferiores, do joelho para baixo, emquanto os membros superiores são attingidos em 19,5% das vezes e o tronco apenas em 1,5%, o Institutto Butantan trata de orientar a defesa mecanica contra as picadas, aconselhando os lavradores, os caçadores e todas as pessoas que tenham necessidade de penetrar em logares possivelmente infestados pelos nossos ophidios selenoglyphos, a usarem botinas e polainas e a não empregarem a mão desnuda no arrancamento de matto ou limpeza do solo, mas usarem foices e outros instrumentos agricolas destinados a esse fim. Com effeito, um estudo particularizado dos boletins de accidentes enviados ao Instituto mostra o seguinte:

a) que o uso constante de botinas evita cerca de 54% das picadas, mas que a botina deve ser de couro e desprovida de elastico, pois, do contrario, a presa das serpentes póde attingir a pelle, conforme já se tem verificado;

b) que além da botina, as pessoas que trabalham ou andam em logares infestados pelas nossas viboras devem usar perneira de couro, pois, dess'arte, podem evitar que as pernas sejam attingidas em quasi 25% das vezes;

c) que, de referencia ás picadas na mão e antebraço, cuja percentagem é de cerca de 19, as crianças e as mulheres são relativamente muito mais sujeitas do que os homens e isto, 1.º, porque as nossas viboras se encontram quasi sempre sobre o chão e procuram enrodilhar-se antes de dar o bote, sendo assim percebidas pelos homens, já experientes no caso; 2.º, porque as crianças tocam mais o solo emquanto se divertem ou trabalham na roça; 3.º, porque as mulheres se entregam, mais a miudo do que os homens, ao serviço de fazer lenha e, pelo menos na zona meridional do Brasil, ao de catar ou de colher certos cereaes.

Nestas condições, o simples uso de botinas e polainas apropriadas e o emprego de instrumentos agricolas consegue reduzir de 98,5% o numero das picadas.

2.ª *Captura de serpentes venenosas vivas* — A' luz de estatiscas muito cuidadosas, organizadas pelo Instituto Butantan, verifica-se que o numero de serpentes venenosas na zona meridional do Brasil parece augmentar á medida que se estendem as regiões cultivadas. Justamente baseado nessas estatisticas e em observações identica que realizei quando iniciei a campanha anti-ophidica nos Estados Unidos, é que pude, por mais de uma vez, affirmar que o problema ophidico nasce e cresce com a agricultura, pelo menos nas regiões quentes e temperadas do globo. Ao contrario do que acreditam os europeus e escrevem os seus tratadistas, desconhecedores em geral das condições do resto do mundo, não se encontram serpentes venenosas com abundancia nas mattas e florestas, mas sim nos campos cultivados, o que é facilmente explicavel, por se saber que naquellas paragens as serpentes levam uma vida muito mais precaria do que nestas. Com effeito, nas mattas, as cobras, não sómente encontram uma concorrencia vital muito maior por parte de animaes mais fortes que se alimentam de roedores, de que ellas tambem se nutrem, mais ainda são frequentemente perseguidas e destruidas por aquelles animaes, de habitos geralmente rapineiros; ao contrario, nos campos cultivados, lhes diminue a concorrencia por parte dos outros animaes, emquanto cresce o numero de roedores com o proprio desenvolvimento agricola, dando assim ás serpentes ensejo de alimentar-se com maior frequencia e abundancia.

Da campanha feita pelo Instituto Butantan vem resultando uma constante elevação do numero de serpentes recebidas annualmente.

Modelo do laço e caixa para apanhar e transportar serpentes, distribuidas pelo Instituto Butantan.

Prevenção mecanica contra a acção das serpentes: uso de botinas e perneiras resulta na eliminação de 98,5 % das picadas.

Uma cobra enrodilhada prompta para dar o bote.

O cangambá ou maritaiaca é o mais voraz dos inimigos das cobras.

Basta dizer que em 1901, o Instituto recebeu 64 serpentes vivas e que este numero, crescendo de anno para anno, attingiu em 1932, a 23.106.

Afim de obter este numero crescente de ophidios, o Instituto distribue, pelas regiões agricolas do sul do Brasil, laços e caixas para a captura e transporte dos mesmos. A simplicidade e a segurança de manejo dos laços na captura de serpentes venenosas e a facilidade da collocação destas em caixões para transporte evidencia-se facilmente pela rapida disseminação que elles tiveram em toda a enorme zona meridional, central e oriental do Brasil, por que se estendem avassaladoramente as actividades do Instituto Butantan.

O uso desses aparelhos tem-se generalizado nas fazendas e, nas colonias agricolas, mesmo entre as escolas ruraes, cujos alumnos chegam a manejal-os com a necessaria pericia, conforme acontece com os da Escola da Colonia de Maratá (Santa Catharina), sob a regencia do prof. Ambrosio A. Rucker, contribuindo desse modo para o rapido incremento da campanha antiophidica. Na falta de laço apropriado qualquer forquilha serve para a captura de serpentes vivas, cujo acondicionamento tambem póde ser feito em qualquer caixão que tenha pequenos orificios para ventilação.

3.° *Protecção de animaes ophiophagos* — Entre os nossos animaes destruidores de serpentes, os unicos de alguma valia e, portanto, merecedores de protecção, parecem ser apenas a Mussurana e o Cangambá.

A Mussurana, sobejamente conhecida graças aos trabalhos de divulgação de Vital Brasil, é uma especie de cor rosea quando joven, mudando para plumbea ou anegrada com a idade. Vive nos campos e cerrados, onde encontra seu alimento predilecto, representado geralmente por serpentes e sobretudo pela Jararaca ou pela Caissaca, a cujo veneno é inteiramente immune, não o sendo, porém, ao das Coraes (proteroglyphas).

Espalhada por todo o Brasil, a Mussurana é conhecida por outros nomes vulgares, a saber: Limpa-campo, Limpa-matto, Limpa-pasto, Boirú, Cobra preta e Mammadeira.

O Cangambá ou maritacaca, estudado especialmente pelo agronomo Francisco Iglesias, nosso ex-companheiro do Instituto tem igualmente notavel predilecção pelas cobras venenosas, possuindo sobretudo grande actividade e olfacto muito desenvolvido, que lhe permitte presentir os ophidios, mesmo quando se achem á distancia ou escondidos em buracos. Esse interessante mammifero devora as cobras com uma voracidade crivel, começando mesmo a comel-as ás vezes pela cauda e pouco lhe ligando ás picadas, pois lhes é naturalmente immune ao veneno.

Por conseguinte, tanto o Cangambá quanto a Mussurana merecem ser convenientemente protegidos, dada a sua importancia nas zonas agricolas do paiz.

E' bem verdade que, além destes, muitos outros animaes, taes como certas aves rapineiras, o furão e até batrachios podem comer serpentes. Sua importancia, todavia, é relativamente pequena.

No proximo numero, o Dr. Afranio do Amaral occupar-se-á dos anti-venenos, seu preparo e modo de applicação.

PRÓ BRASILIA FIANT EXIMIA

Fui Manoel Borba Gato — o velho bandeirante,
Varador de sertões em busca de aventuras,
E de arcabuz em punho, eu devassei planuras,
E de um Brasil-anão fiz um Brasil-gigante.

Nas trincheiras da lei depois eu fiz bravuras,
E — Fernão Salles — fui soldado vigilante,
Morrendo por São Paulo em guerra crepitante,
Que a historia registrou em rutilas molduras.

Os marcos que finquei nas lombas da fronteira,
Formando com meu sangue a patria brasileira,
Retratam bem o meu "panache" de conquista.

E bandeirante — não renego o meu passado,
Porque mantendo unido o meu Brasil amado,
Eu sou paulista, mais paulista que paulista!

VICTORINO PRATA C. BRANCO

SENHORA

SENHORITA...

COM que satisfação uma e outra apreciam o "maillot" para a praia, a pequena, curta, resumida, pequenissima veste com que se exibem aos raios solares, com que recebem os beijos das ondas azues.

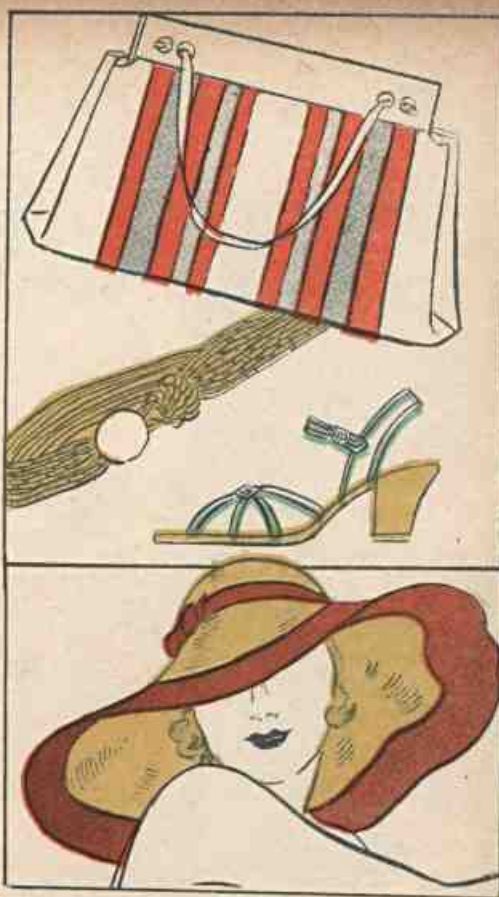
O "maillot" de hoje é o que aparece no corpo bonito de algumas creaturas, e se não acanha de desnudar o que muitas deveriam esconder...

O "maillot" junto com o pijama e o ventilado vestido de praia é o traje ideal na estação presente. E' certo que o oleo de côco, protetor das queimaduras do sol, não deixa completa a comodidade da "frente unica". Mas, mesmo assim, é interessante verificar que as moças desta e da passada geração falam já do "véo diafano da fantasia", como fantasia literaria para certo efeito sobre "a nudez forte da verdade".

Uma frase apenas... Porque a nudez das pernas, dos braços, das costas, de parte do peito anda por aí crúa sem se importar com a luz do dia e o exame visual do proximo.

As saias desceram. Chegaram, nos trajes de tarde, aos tornozelos, e á noite arrastam pelo chão.

Mas os "maillots" nos vingam das horas em que somos obrigadas a tanto recato...

S O R C I È R E

ACCESSORIOS

Grande chapeu da palha enfeitado de vermelho escuro; bolsa branca listrada de preto e de vermelho; cinto de corda; sandalias de fustão azul.

DOIS MODELOS

No corpo da figura de pé um "maillot" que só tem de costas duas tiras debruadas; na da direita — Jersey de lã amarelo quente guarnecido de havana escuro.

UM GRUPO ATRAENTE

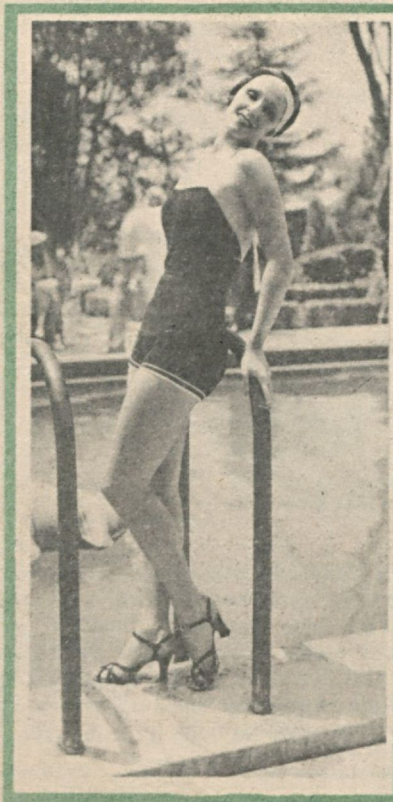
Capa de flanela branca, gravata e pála estriadas de azul e de vermelho; "maillot" sustentado nos ombros por finas "bretelles"; "maillot" de crêpe de seda vermelho vinho, á volta do decote uma trança azul e branco, na espreguiçadeira uma joven cujo corpete do "maillot" branco é todo pospontado de linha de seda preta.

Como vestem as "estrellas" de Hollywood

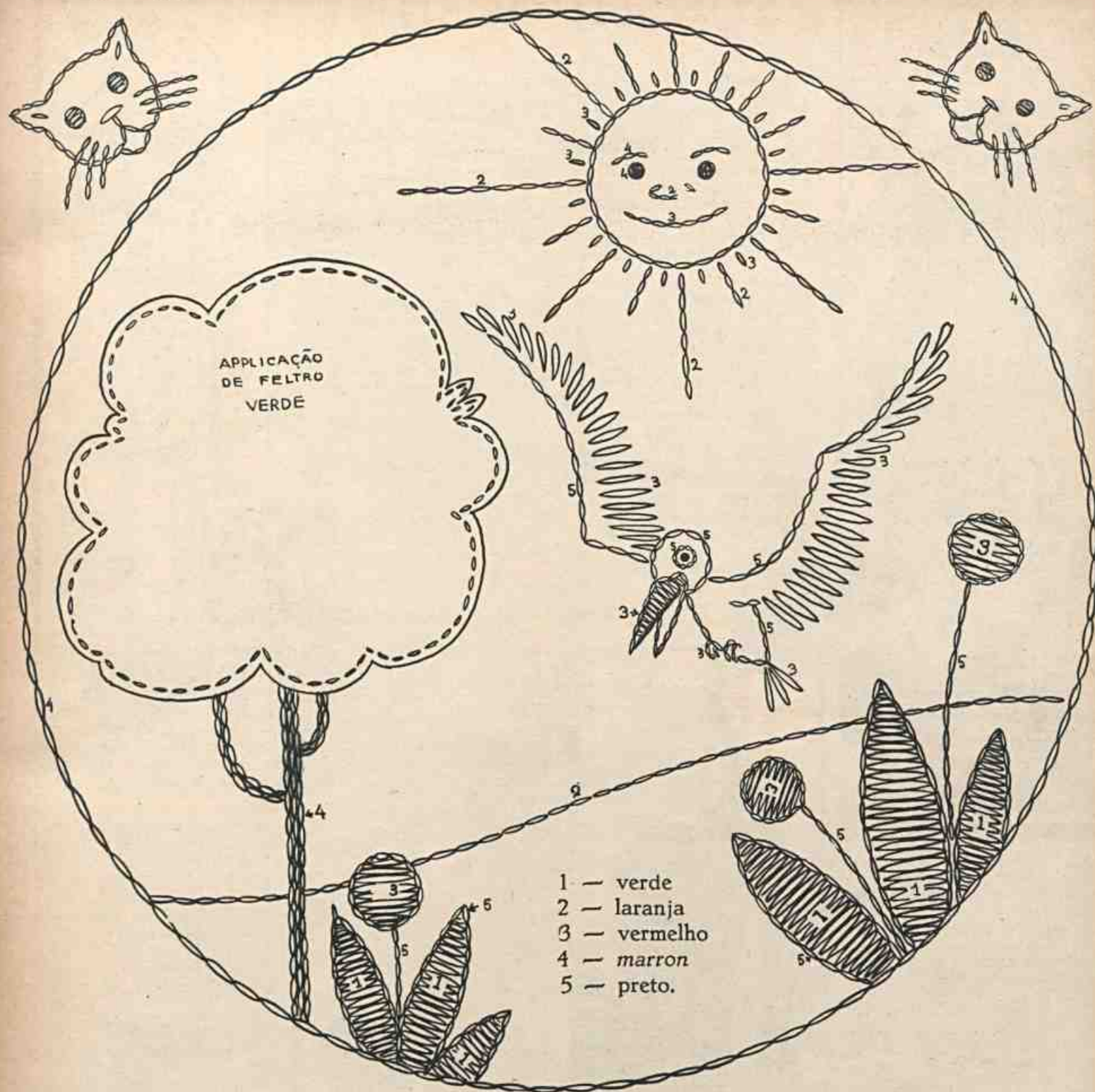
JOAN CRAWFORD é a fascinação em pessoa vestida de noiva, traje com que aparece numa das cenas de novo «film» da Metro.

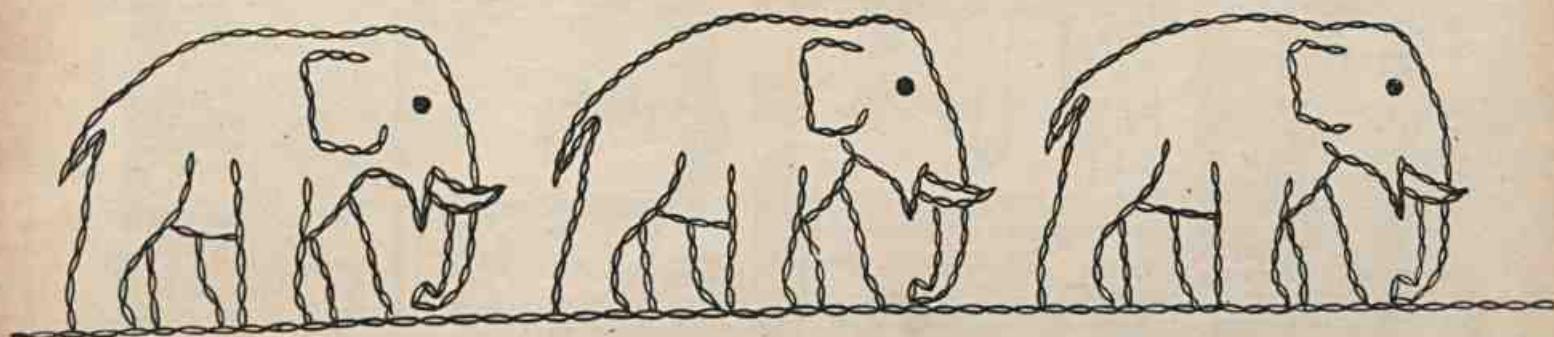
CAROLE LOMBARD, da Paramount, com os louros cabelos bem alisados, apresenta esquisito e formoso modelo para uma festa á noite - crepe vermelho tomate, saia com franzidos á volta da barra.

RUTH CHANNING, da Metro, está angelical neste traje de noite todo talhado em setim branco guarnecido de lantejoulas de prata.

DOROTHY TREE, da Columbia, num traje de jantar: setim preto, gola de «lamé» prata, setim branco, cercaduras de «lamé» veludo preto.

E o «maillot» de ROSITA MORENO, da Fox ?

APPLICAÇÃO DE FELTRO VERDE

1 — verde
2 — laranja
3 — vermelho
4 — *marron*
5 — preto.

PARA O SEU FILHINHO

Centro de almofada para adornar o quarto da creança. Bordada com as côres indicadas, sobre setim ou seda azul claro.

MOTIVO PARA BARRA DE VESTIDINHO

CONSELHOS UTEIS

"Voil" estampado para o vestido, golla e botões de fustão branco.

PORTAS — Lavá-las, quando muito sujas, pelo seguinte modo: esfregal-as com uma escova molle embebida em agua á qual foram addicionados, por litro: duas colheres de alcali volatil e igual quantidade de oleo de terebinthina.

As portas e janelas pintadas a oleo tambem se lavam com agua morna, um pouco de potassa e sabão dissolvidos; enxaguadas com agua pura.

LADRILHOS — Só lavados com agua e sabão ficam sem brilho. Quando se utiliza, para tal fim, agua quente misturada a sabão, em seguida uma fricção de oleo de linhaça numa boneca de panno. o brilho é esplendido.

As nodoas no ladrilho desapparecem com pó de pedra pomes e sabão.

FORMIGAS — Bombons, perfumes, vestidos usados que se guardam nos armarios attrahem as formigas. A's vezes de tal fórma tomam conta do movel que só se póde afastal-as com a seguinte isca: uma esponja molhada em agua com assucar collocada no interior do armario por muitas horas.

As formigas de doce fogem ao cheiro de limão gallego posto perto do local "visitado" pelos inconvenientes insectos até apodrecer.

PARA IMPEDIR QUE OS OLHOS CHOREM QUANDO SE PARTE CEBOLA — O chorar quando se cortam cebolas é muito desagradavel; collocando a cebola, emquanto se corta, debaixo da torneira não se precisa chorar.

PARA CONSERVAR ALFACE FRESCA — Querendo conservar a alface fresca por alguns dias coloca-se dentro de um vaso de barro, tapa-se firmemente e colloca-se num logar fresco. Querendo conservar a alface sómente de um dia para outro, deita-se numa travessa com agua, as folhas mergulhadas. As folhas abrem-se e a alface se conserva fresca.

PARA DESINFETAR LIVROS — Livros que tenham sido manuseados por pessoas doentes devem ser desinfetados, e isto se faz de modo simples: Toma-se uma caixa grande de folha ou material semelhante, que feche bem. A distancia iguaes de 10 centimetros passa-se um barbante de um lado a outro, tantas vezes quantos sejam os livros a ser desinfectados. Os fios não devem ficar completamente retesados e sim formar um arco. Em cada barbante pendura-se um livro com a abertura voltada para baixo. No fundo da caixa colloca-se um pires, ou tampa de lata com formol. A caixa deve ser firmemente fechada durante 2 dias, para que o liquido penetre nos livros. Depois de dois dias abre-se a caixa e os livros devem ficar expostos ao sol durante algum tempo.

PARA PREPARAR COLA LIQUIDA — Meio muito simples para fabricação de uma cola liquida é o seguinte: derrete-se um pouco de boa colla, em banho-maria, com vinagre forte e um quarto de litro de alcool. Por ultimo mistura-se um pouco de alumen.

PARA A COZINHA

SOPA DE FEIJÃO — Duas conchas de feijão cozido, passadas pelo passador mais fino, são dissolvidas em caldo de carne bem temperado, fervido, a seguir, a fogo lento. Esta sopa é servida com rodellas de ovos cosidos, azeitonas ou pão frito na manteiga.

Vestido para mocinha: crêpe de seda marino e branco, golla de "piqué" branco, gravata marinho.

Os chapéos de agora

Crêpe de seda estampado — golla de fita de "faille".

COUVE A' MINEIRA — Um prato comum nas mesas brasileiras. No entanto nem todos sabem fazel-o bem. Cortam-se, depois de bem lavadas, folhas verdes de couve arrumadas em molhos, de modo que as tiras fiquem finissimas. Lavadas de novo, escoadas direito, são postas em gordura fervendo, um pouco de sal e cebola picada; mexe-se com uma colher de pau, abafa-se um pouco, minutos após a couve está prompta a servir. Para que as folhas guardem o verde viçoso convém polvilhal-as com um pouco de bicarbonato.

SOBREMESA

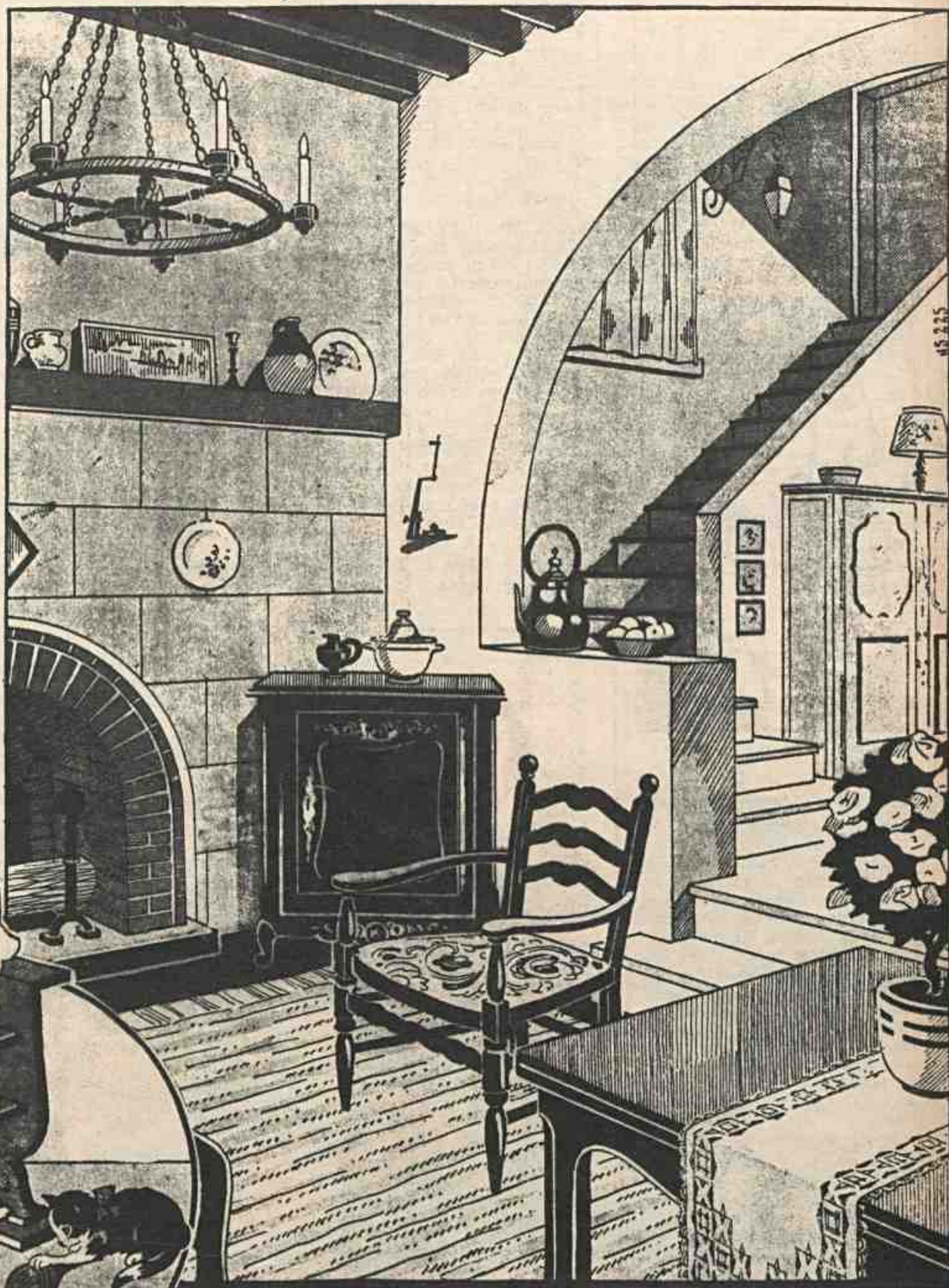
PUDIM CHINÉZ — 460 grs. de assucar em calda, ½ kilo de amendoas socadas. 115 gmrs. de manteiga, 1 colherinha de farinha e trigo. Junta-se tudo á calda já fria. Em seguida adicicnam-es 10 ovos, e vai ao fôrno em banho-maria, em fôrma untada com manteiga.

COCADA — Um côco ralado, depois de pesado, põe-se o mesmo peso de assucar. Mexe-se e vae ao sol em cocadas. Querendo põe-se umas 3 gemas, fazem-se umas bolinhas chatas, coloca-se um cravo e passa-se no assucar cristalizado.

A DECORAÇÃO DA CASA

Uma das preocupações de quem agora constróe é o lançamento das escadas.

Não resta duvida que estas, quando dispostas de fórma artistica dão ao ambiente certo ar de magestade e de confôrto aliados á graça, á boniteza sóbria, fatôres necessarios á casa moderna.

A sala que aqui está, num rez do chão, foi transformada em sala de estar e sala de refeições. O chão forrado com uma esteira trançada, natural e outro ton pastel, paredes tambem claras, o tecto envernizado de "acajou", mobiliario escuro. Para o nosso clima o fogão deve ser substituido por um bonito armario que possa comportar, na prateleira de cima, "bibelots" e outros mil nadas que tanto guarnecem e são agradaveis á vista.

Dois degráos, uma pequena sala com mais três degráos, um lanço da escada, em seguida outro que conduz ao andar superior.

Bonito lustre de madeira ou de ferro, uma lampada colonial iluminando a escada, flôres...

Que bonito "croquis" esta pagina estampa.

DE TUDO UM POUCO

VERSOS DE FELICIDADE

Com êste titulo e nesta pagina, foram atribuidos a Guilherme de Almeida versos que são de Olegario Mariano.

Dai, porém, não veio prejuizo de ninguem, nem mal ao mundo.

Razão de queixa teria o primeiro poeta, si os versos fossem de outro de pouco valor; mas já a razão seria do autor si fossem dados como de um de meia tijela.

Não foi, entretanto, nada disso que aconteceu: qualquer dos dois é um bom poeta, e os versos, que tambem são bons, tanto podiam ser de um como de outro. Feita, assim, a errata da autoria, ganha esta pagina em se enfeitar outra vez com esta joia:

"Nunca eu te disse que te amava, [entanto
Nossos ôlhos falaram sem querer,
E as nossas mãos buscaram-se a tremer,
A tremer de volupia e de quebranto.

As nossas bôcas, numa noite calma,
Uniram-se ao relampago de um beijo
Onde vinha explodir todo o desejo
Da minh'alma bebendo na tua alma.

Depois, instante a instante, dia a dia,
Sentimos extasiados aumentar
Essa trama de luz que vem de luar,
Essa onda de volupia e de harmonia.

Amo-te e é cada vez mais forte e louca
A rajada inconsciente que me leva...
E's um raio de sol na minha treva
E um sorriso feliz na minha bôca".

NOTA CINEMATICA

A vida de prazeres dos "astros" de Hollywood. Quanto se tem falado, escrito a tal respeito. Bailes, festas e mais festas, alegria...

E o trabalho?

Que se tem dito do tempo que êles gastam com o trabalho, aplicando-se de maneira integral para o exito de um "film"?

Pouco.

Doiram-se os comentarios.

Comentam-se os successos esquecendo a penosa tarefa para chegar ao julgamento do publico, sempre ou quasi sempre pouco benevolo...

Joan Crawford, por exemplo, uma das figuras de mais evidencia da arte da téla, é invejada, invejadissimo o que contam a respeito do seu modo de viver.

No entanto, quando Joan trabalha — o que acontece na maioria dos mezes do ano — volta á casa tão fatigada que até se esquece de retirar a pintura do rosto. Durante o jantar dá ordens á secretaria, verifica as coisas do seu "home", indaga das despesas, e, quando pensa em estirar-se num canapé do seu quarto, Syb anuncia-se para cuidar-lhe os cabêlos, e Dolly, a manicura, tambem.

E' que as artistas dormen com o cabêlo preparado para o dia seguinte, porquanto a hora em que se têm de aprèsentar no "studio" é muito matinal.

Posta a cabeça sob o secador, uma das mãos á disposição dos alicates e do polidor de Dolly, Joan estuda os dialogos, decorando-os, dando-lhes expressão. Contente já os dá por sabidos quando, frequentemente, o telefone lhe comunica, dos escritorios da Metro Goldwin, que a cena a filmar é outra. Por conseguinte são outras as frases a aprender...

Cedinho a criada de quarto acorda-a. Mal toma um alimento parte para o "studio" em companhia do "saint-bernard" que Douglas lhe déra pouco antes do divorcio. O cão ficara-lhe fiel, não a abandona nunca...

O GATO

Vive perto de nós, enrosca-se numa almofada, estima o canto que lhe escolhemos. No entanto o gato está sempre longe, não nos dá impressão de que nos quer bem...

O Dr. Aubry, assegura que o gato é de compleição delicada, mais pronto a adoecer que o cão. Sendo carnivoro por excelencia, êle muito se resente quando alimentado de outro geito, resentindo-se tambem da falta de exercicio se vive no circulo estreito dos apartamentos de agora. E' aí que as afecções lentas em geral se pronunciam.

A alimentação é de influencia decisiva no estado de saude do bichano. De preferencia deve comer carne de boa qualidade, sendo ainda necessario que coma figado duas vezes por semana — ou crú ou mal assado em azeite ou manteiga fresca.

Com a carne e o figado alguns legumes, salutares ao intestino do animal, que é onde reside o motivo preponderante do estado do pêlo.

Ha gatos que gostam immenso de arroz. Mas é necessario que seja cozido com carne.

CREDULIDADE

Crença de todos os tempos.

Crença em todas as idades.

A pitonisa que acode pelo nome de Fatima, presa, ultimamente, em Atenas, ouvia, principalmente, os amorosos, e dava remedio para que se aplainassem as dificuldades, receitando tambem para amainar a má vontade dos pais pelo casamento dos filhos. Mediante algumas moedas Fatima fornecia um pó branco, sem sabôr, que podia sêr ingerido na sôpa, no leite, no café com leite, etc. Levado a exame pela policia de Atenas ficou constatado que se tratava de simples pó de magnesia, util aos encomodos de estomago, do intestino...

Assim é que a inofensiva pitonisa abrandava as iras dos que se opunham á vontade dos amorosos.

A japonesa de ontem e de hoje.

ALMA EXILADA

(Andrelina do Canto Paes de Barros — Piracicaba)

Quasi perto de mim, sob um clarão celeste,
Um clarão rosiclér de inspirações felizes,
Vibra a orchestra do Bello... emquanto o azul se veste
De ramagens astraes e a terra de matizes...

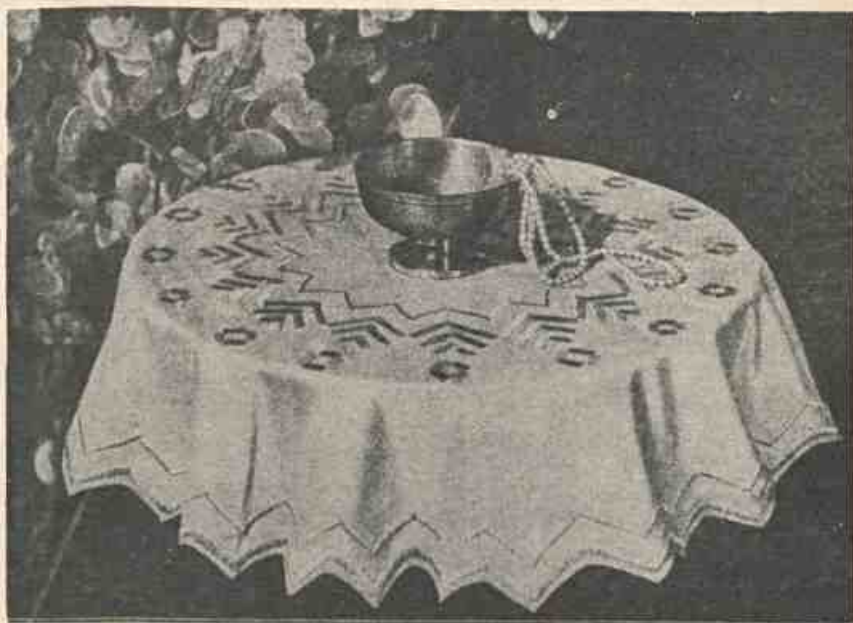
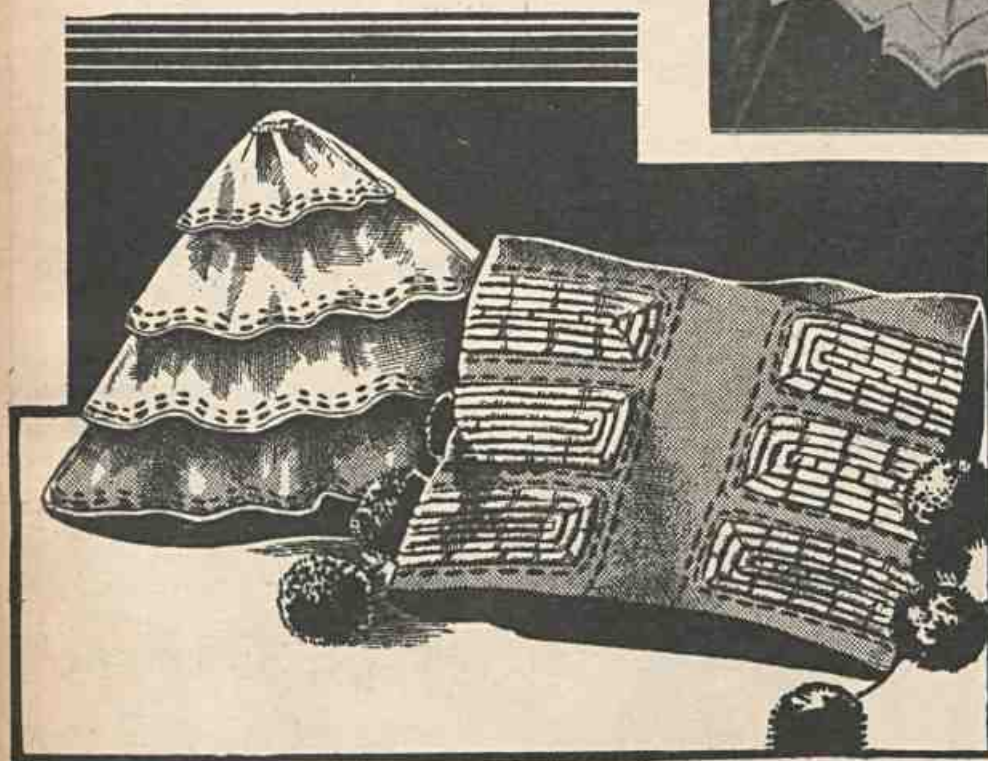
Quasi rente de mim, do meu exilio, deste
Sólo que a neve cobre e invade até ás raizes...
Onde o infortunio sopra o frio sudoeste,
Crestando as florações de frondes infelizes!

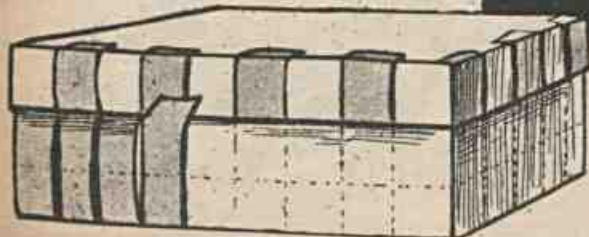
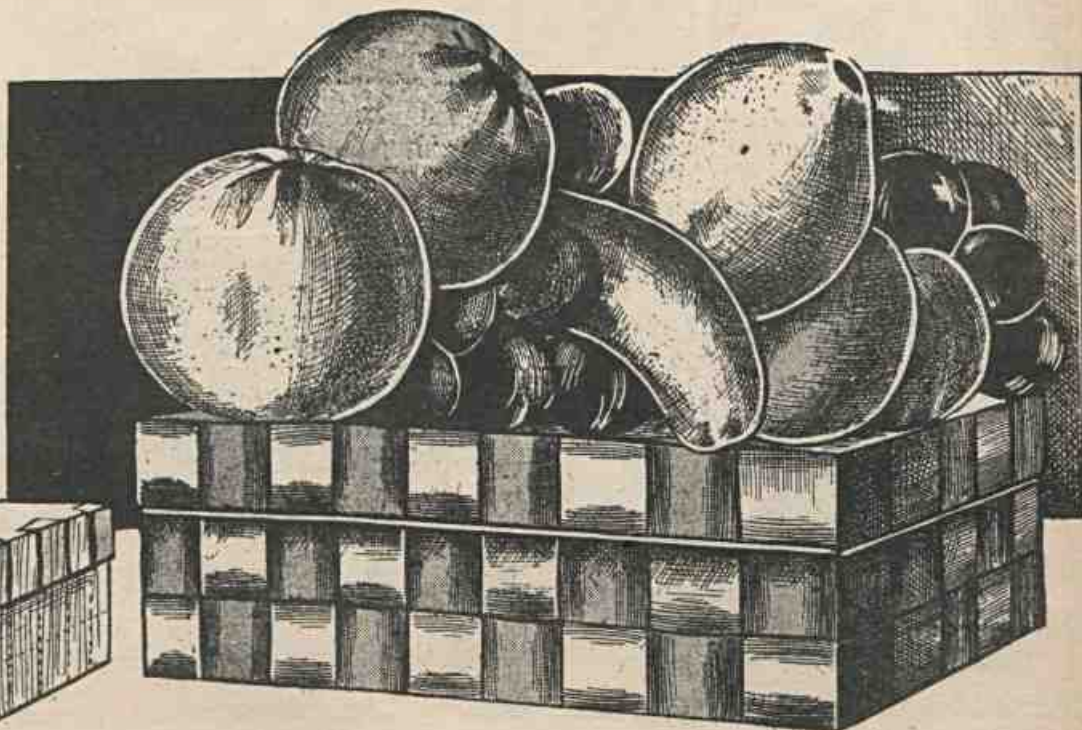
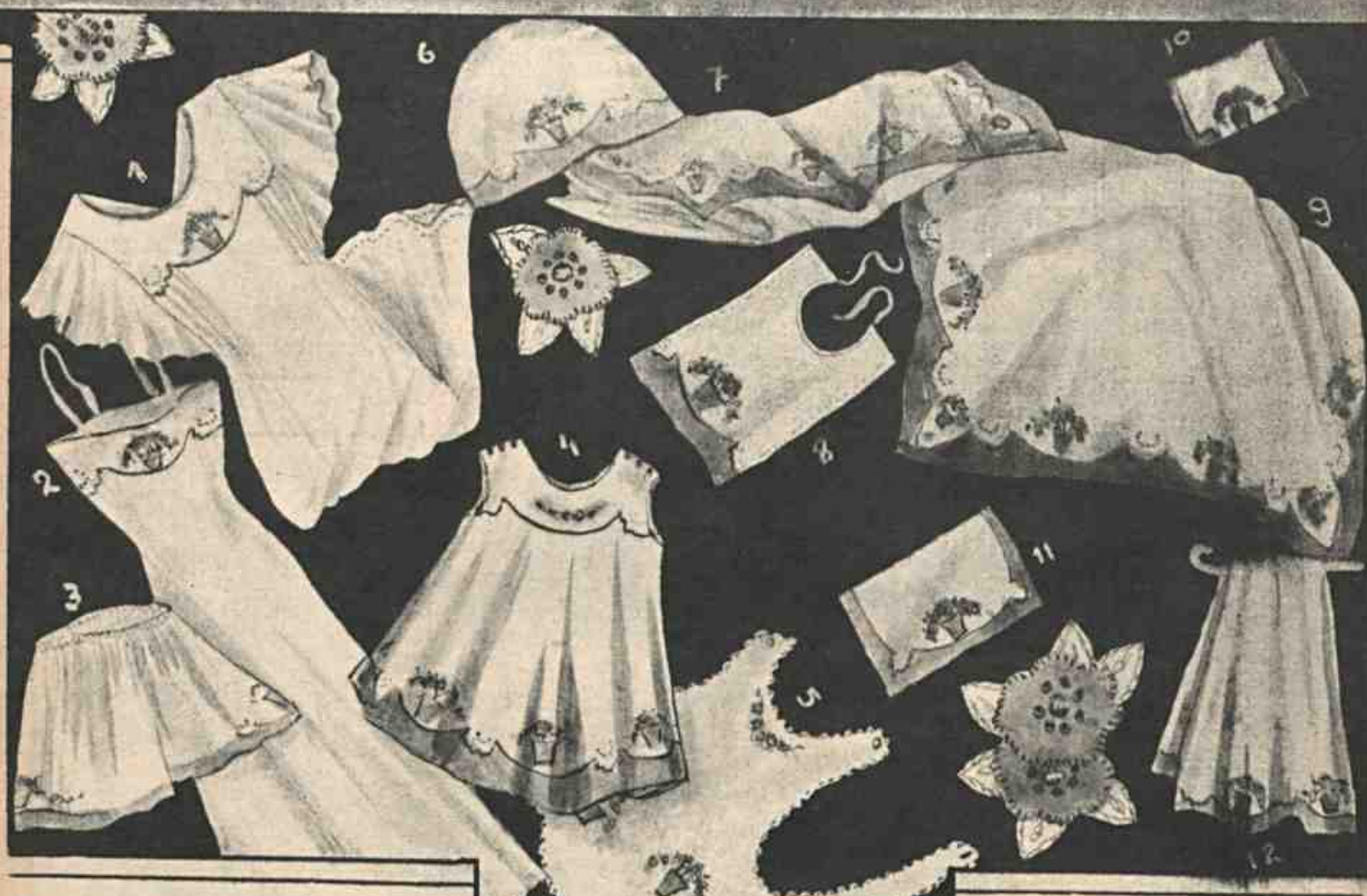
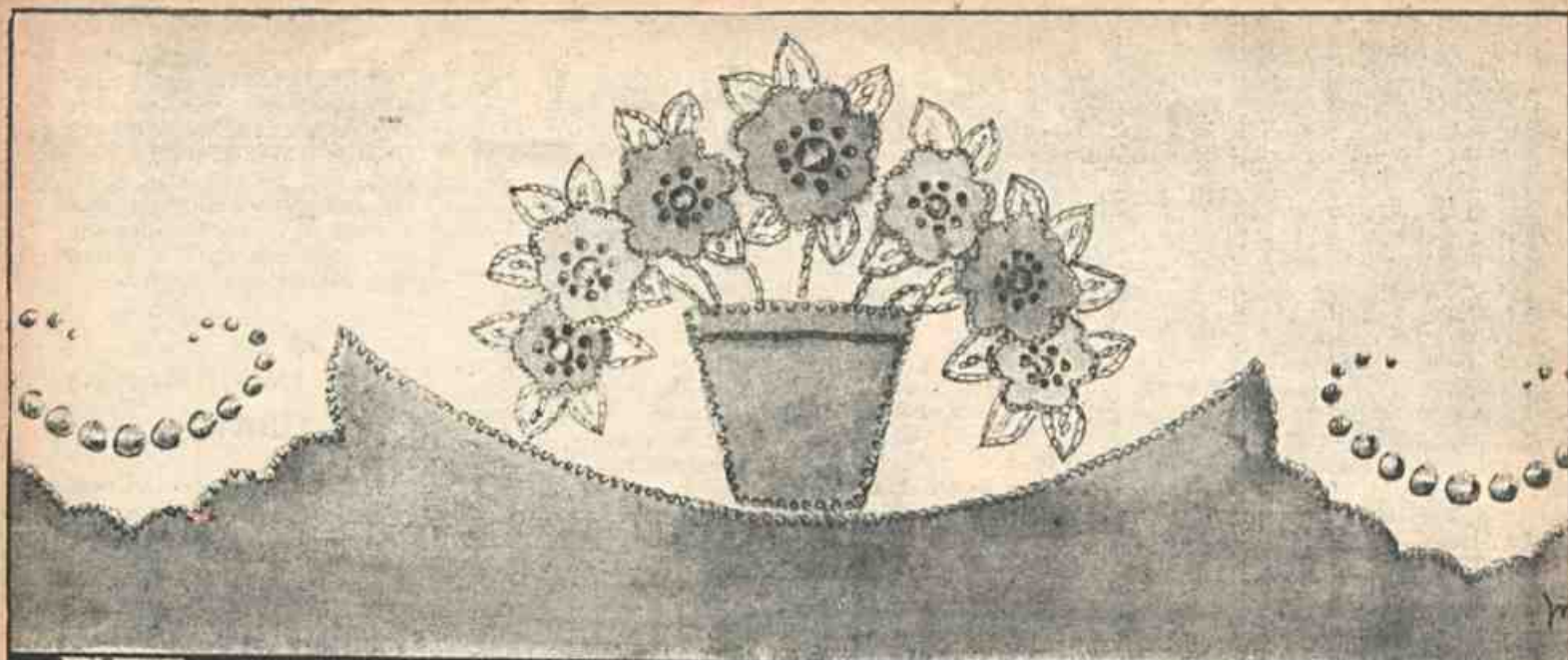
Ah! que sarcasmo, até... Como a minha alma anseia
Viver naquelle céu, cerzir naquella teia,
Que ella sente que é sua; arder naquellas brasas...

Quer voar... e quer subir... De arrojo se entumece.
A Dédalo imitando, as asas entretece...
Mas, quando ensaia voar, já não encontra as asas!

Pulseiras modernas.

MIUDESAS INTERESSANTES

Almofada redonda, um fôfo de setim preto á volta, aplicação de linho grosso, natural, bordado no genero Richelieu, forro de setim verde periquito.

Toalha de linho e seda branco marfim bordada de azul e amarélo, num grosso festonado de linha "perlée"

Duas almofadas para guardar a roupa de dormir: a triangular mede 45 centimetros por 30, é ornada de quatro babados de veludo em quatro coloridos de azul, pospontos dourados. E' forrada dde flanela grossa e setineta por dentro. A outra, retangular, mede 44 centimetros x 32, é de setim rosa seco, os motivos todos recheiados de cordão grosso, borlas dos lados, forrada pelo sistema da precedente.

Caixa para frutas: fitas em dois tons de havana trançadas sobre papelão forte. A parte de dentro é forrada com seda ou bonito "reps" estampado.

'LINGERIE"

1-2-3-4-6-7-12 — Jogo composto de vestido, fronha, lençol, e toalha de rosto para creança, feitos de cambraia de linho branca, com aplicações em diversos tons de azul, presas com ponto de "feston".

5-8-9-10-11 — Avental-toalha para mesa, aventalzinho e "sachet" feitos de um linho "beige", aplicações de linho azul em diversos tons, presas com ponto de "feston" ou "turco".

PELLOS DO ROSTO

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

A natureza mostra-se fertil em caprichos. Os homens têm razão de possuir cabellos no rosto, mas as mulheres, absolutamente, não.

Chamamos de hyperthricose á anomalia assim observada, que consiste numa hypergenese dos pellos, ás vezes, tão accentuada, de modo a constituir, para as senhoras ou moças, verdadeira enfermidade. O tratamento da hyperthricose torna-se, portanto, um dos mais importantes problemas de ordem medico-social. Desde os mais remotos tempos, essa questão interessou ao sêr humano, e os depilatorios, já eram empregados, não só pelos homens, para fazer a barba, como tambem pelas mulheres da antiguidade, como sendo, naquella época, o unico remedio indicado. E' desnecessario dizer que os depilatorios destróem os cabellos sómente ao nivel da pelle e, depois de algum tempo, elles voltam de novo. Assim sendo, foi um processo que não deu resultado, tendo ficado no abandono.

Recentemente, procurou-se empregar os raios X no tratamento da hyperthricose; infelizmente, porém, a esse respeito os estudos são ainda obscuros e é absolutamente contra-indicada a applicação radio-therapica no tratamento da hyperthricose.

Modernamente, é costume de muitas senhoras, talvez mal informadas, arrancar com uma pinça os pellos do rosto, ou passar sobre os mesmos agua oxygenada. No primeiro caso, os pellos nascem outra vez e, no segundo, ficam descoloridos, mas sempre visiveis. Só se poderia aconselhar o emprego da agua oxygenada, em se tratando de ligeira pennugem, constituida de pequenos e delgados pellos, como se nota, ás vezes, nos rostos femininos.

A electrolyse, processo muito espalhado no combate á hyperthricose, não deve ser usada, pelo facto de que deixa cicatrizes indeleveis.

Actualmente, com o evoluir da sciencia, já possuimos na electricidade medica processo efficaz na cura dos pellos do rosto, por maiores ou mais antigos que sejam.

Tenho tratado innumeras senhoras e, até hoje, não houve uma só que tivesse ficado com a menor marca ou cicatriz ou em quem os pellos voltassem novamente.

O tratamento da hyperthricose pela electricidade medica só deve ser feito por medico especialista e, em geral, em poucos dias, é facil acabar, radicalmente, com a peor das barbas femininas, sem que haja a menor dôr, cicatriz ou recidiva.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões de embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao DR. PIRES — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934 — JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO

N.º 36
8
FEVEREIRO

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

3.º TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.º 19

PREMIOS — 1 para cada um dos vencedores de 1.º, 2.º, 2/3 e 1/2 dos pontos (feitos os desempates, quando precisos) e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional. Esse premio será o retrato do mais votado publicado no nosso Quadro de Merito. O premio de 1.º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. Souza.

LIVROS adoptados nos *torneios communs*: Cand. Fig. (edição reduzida); Simões do Fonseca (ed. pequena); Fonseca & Roquette (lingua e synonymos); Chompré (Fabula); Bandeira (synonymos); A. M. Souza (os 2 volumes); Jayme de Seguier (Dicc. Pratico Illustrado); Miguel Caminha (Vocabulario Monosyllabico). Para trabalhos desenhados; proverbios tirados desses diccionarios, do Moraes, do Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves), e dos Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado).

NOVISSIMAS 101 a 106

1—1—E' uma *eralidade. Ande*, procure sua *escrava*.

Soberano (Guirycema, Minas)

1—1—2—Era para *alcançar* o conhecimento da *lingua africana* que eu *estudava* na *assembléa literaria*.

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba)

2—1—1—Dona *"Cota"* *"duas vezes"* visitou na *prisão* o *revolucionario*.

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

1—1—Com a *"lingua"* que se fala em *casa* pode-se *ficar assombrado*.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

1—2—Queres uma *prova?* Tua *oração* foi uma *barbaridade*.

Zé do Sul (Ouro Fino, Minas)

1—2—*Aqui* ha *em abundancia* muita *iguaria delicada*.

Scylla (Gente Nova, de Corumbá)

CASAES 107 a 110

4—O *imperador romano* Nero tinha uma *collecção de quadros*.

Tercio Filho (Recife)

3—O *estroina* adora a *patuscada*.

Antomarepe (Recife)

2—Dei ao *pequeno* a *comida leve que se toma de manhã*.

Pardaillan (A. C. L. B. — Rio)

2—Todo *santo* tem *consciencia*.

Sindulfo Camara (Fortaleza, Ceará)

SYNCOPADAS 111 a 114

3—2—Homem *cabelludo* e *aspero*.

Luar (G. T. A. — Th. Ottoni, Minas)

3—2—Tão *mesquinho* que só dorme em *"esteira"*.

Capuchinho (Gremio Capichaba, E. Santo)

3—2—Estripo charadas dando *"berro"*...

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

3—2—*Trabalho?* Só no *mercado*.

Pardaillan (A. C. L. B. — Rio)

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Velhusco, Helianthο, Clirio, Agamą, Lolina, R. Said (todos 6, de São Salvador, Bahia), Etiel Euristo e Vasco Dias (todos 3 de Lisboa), 25 pontos cada um.

OUTROS DECIFRADORES

Mawercas e Lidaci (ambos desta Capital) Pizarro (Lorena, São Paulo), K. Nivete (Recife), Dama Verde (São Salvador, Bahia), 24 cada; Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia), 23; Alvasco (Recife), 22; Joliver (Natal, Rio Grande do Norte), Americo, Ananias, Canhoto, Castrinho e Scylla (todos 5 da Gente Nova, de Corumbá), Passaro Negro (Barbacena, Minas), Gandhi (Campos, E. do Rio), Ricardo Mirtes e Tercio-Filho (ambos de Recife), 21 cada; Dr. Kean (São Paulo), Capuchinho, Capichoto, Capichola (todos 3 do Gremio Capichaba, E. Sonto), Candinho (Bananal, São Paulo), 20 cada; Thalia (Cidade do Rio Grande, R. G. do Sul), 18; De Souza (Capital), 11; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), 8; Tercio-Filho (Recife), 7; Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba do Norte), 4.

DECIFRAÇÕES

126 — Resta; 127 — Altaforma; 128 — Pecamente; 129 — Alçapão; 130 — Adiantado; 131 — Duque; 132 — Haveres; 133 — Cachopo; 134 — Ligeiro, ligeira; 135 — Solia, solio; 136 — Queda, quedo; 137 — Capella, capello; 138 — Alperce, alce; 139 — Magico, maco; 140 — Civismo, cimo; 141 — Pancada, panda; 142 — Concretos (contos, cre); 143 — Medusa (mesa, du); 144 — Friasco; 145 — Actuosamente; 146 — Urdimaças; 147 — Aquilino; 148 — Perde de vista; 149 — Santa-Barbara; 150 — Coisa rara, coisa cara

NOTA — Não acceitamos — *Colligados* e *Alliados* — para 142, o primeiro porque não se observou nos extremos a symetria recommendada pelo regulamento, no titulo — FRACCIONAMENTO EM PARCIAES, alinea d) — e porque — tecido —, apresentando-se sem commas exige um significado substantivo tambem e — ligado e liado — são adjectivos. Não conseguimos verificar *Diligentemente* e *Vigorosamente* — para 145, significando — *com força* —. Ainda desta vez, contrariamente ao que preceitúa o regulamento, os remettentes dessas decifrações não citaram o diccionario em que suas versões se encontram, quer quanto a — *Vigorosa* — para — *expedita* —, quer quanto ao conceito total.

ENIGMA 115

Para aparar cascos de bestas
E com instrumento cortante,
Preciso só de tres letrinhas;
Das que formam um *"puxavante"*.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia

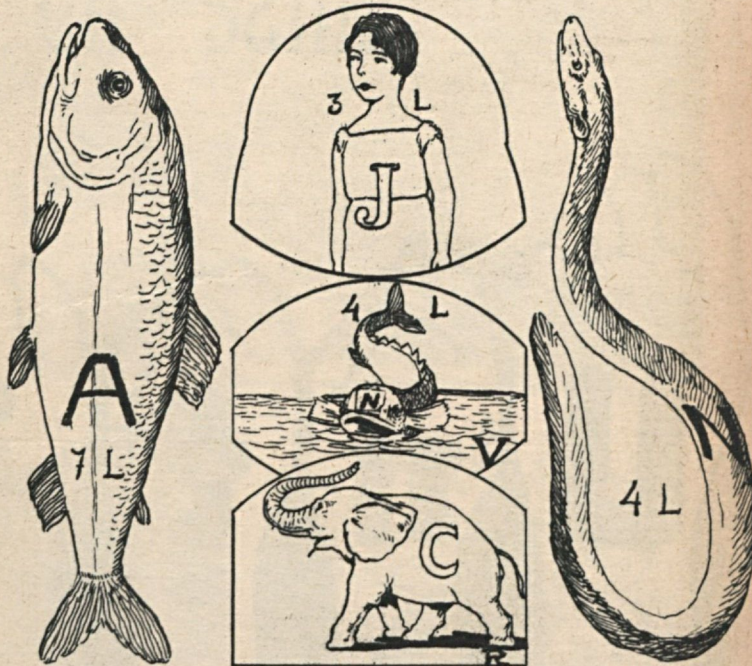
CHARADAS 116 a 118

Por certo que estou dizendo—1—
Que um *contracto* é cousa seria;—2—
Quem delle faz pouco caso,
Póde acabar na miseria.

Gente assim não é bem vista,
Nem encontra uma guarida;
Vê seu credito baixando
Em apressada *descida*.

Marechal (Rio)

E vem a aurora
Surgindo ah!
Canta distante
Um Bem-te-vi!
Dá um *"signal"*—1
E mais a *"nota"*!—1
Fica irritada
Dona Cocota,
"Mulher" damnada—2
De grandes dentes...
Procura alliados
P'ra seus *"parentes"*.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

Nas charadas a [minha alma
Sacia-se e perde a [calma,—2
Trabalha, lucta e se [cânça;
Mas se algum "osso" *persiste*,—2
Minha alma, chorosa e triste,
Descontinúa a *matança*.

Vivi (G. dos XX—Piracicaba)

LOGOGRYPHO 120

(*A' intelligente Violeta*)

Sou um ente que a vagar no mundo ando,
Um *louco*, desgraçado viandante,—4,5,6,7,8,6
Que a chorar sempre canta a todo instante
E a cantar vive só, sempre chorando.

As lagrimas que tristes vão rolando
De meus olhos cansados, de um amante
São lembranças do *"amor"* que jaz distante —5,6,3,2,7,9
Do meu peito que a *sorte* está clamando. —1,6,2,8,7,9

E se um dia partir do mundo ingente
Esta *alma* desditosa e esquecida—4,3,2,5,9
Saudades deixará eternamente.

E ainda quando tudo então morrer,
Eu, sózinho, por ti minha querida,
Depois da propria morte hei de viver.

C. Maia (B. C. P.—Passos, Minas)

PRAZOS

Terminarão: a 28 do corrente, e a 5, 11, 13, 15, 18, de Março proximo, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

MARECHAL

FIGURADO 120

Marechal (Rio)

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Bolivia, Perú, etc.

NENHUM O IGUALOU AINDA PREÇO — 4$000